



A Conceção de "Romantismo" em  
História do Romantismo em Portugal  
de Teófilo Braga

Paideia  
*Desktop Publishing*







A Conceção de “Romantismo” em  
História do Romantismo em Portugal  
de Teófilo Braga

E. J. Moreira da Silva

A Conceção de “Romantismo” em  
*História do Romantismo em Portugal*  
de Teófilo Braga

CEHu

Centro de Estudos Humanísticos

---

Universidade dos Açores

UAç

PONTA DELGADA | Açores | 2025

Publicado por

**Paideia**®  
*Desktop Publishing*

ISBN 978-989-35259-1-3

Grafismo e edição eletrónica de  
Paideia—*Desktop Publishing*

Tipo: SERAVEK 14 | 12 | 10 pt

# Índice Tabular

1. Quatro notas acerca de <i>História do Romantismo em Portugal</i>	9
2. Estrutura de <i>História do Romantismo em Portugal</i>	10
3. Os quatro principais significados do nome “romantismo” e de seus cognatos	11
4. Causas e gênese do romantismo: as ideias fundamentais de “Ideia Geral do Romantismo”	25
5. Ideias fundamentais do “Preliminar” de <i>História do Romantismo em Portugal</i>	28
6. O Romantismo como fenómeno germânico	37
7. Comtismo e Romantismo em “Ideia Geral do Romantismo”	39
8. Romantismo filosófico e Kantismo em “Ideia Geral do Romantismo”	48
9. Revolução Francesa e Romantismo em “Ideia Geral do Romantismo”	65
10. Teófilo e os três grandes elementos do romantismo histórico-cultural	69
11. Definições do nome “romantismo” em “Ideia Geral do Romantismo”	82
12. o Romantismo em Portugal em “Ideia Geral do Romantismo”	85
13. Fecho	91
Notas e Referências	93
Bibliografia	107
Índice Remissivo	111



E. J. MOREIRA DA SILVA

A Conceção de “Romantismo” em  
História do Romantismo em Portugal  
de Teófilo Braga

Paideia  
*Desktop Publishing*  
PONTA DELGADA



Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924)

*Portugal nunca dera fôrma às tradições, que possuía; a sua literatura... teve de imitar sempre, attingindo por isso uma prioridade de quem não elabora, e uma perfeição de quem reproduz mechanicamente; em vista d'este character, o Romantismo só podia apparecer n'este paiz quando elle estivesse auctorizado, e se admitisse como imitação. Logicamente, foi Portugal o ultimo paiz onde penetrou o Romantismo.*

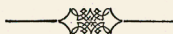
Teófilo Braga. *História do Romantismo em Portugal.*

HISTORIA  
DO  
ROMANTISMO  
EM PORTUGAL

POR  
THEOPHILO BRAGA

---

IDEIA GERAL DO ROMANTISMO  
GARRETT — HERCULANO — CASTILHO



LISBOA  
NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL  
96, Rua do Arsenal, 96  
1880

## 1. QUATRO NOTAS ACERCA DE *História do Romantismo em Portugal*

FAÇO DO COMEÇO DESTE MEU ESCRITO\* lugar para quatro notas que me parecem relevantes.

A primeira nota (1) concerne à circunstância de Teófilo Braga ter publicado a sua *História do Romantismo em Portugal* em 1880, em Lisboa, com a chancela da Nova Livraria Internacional.<sup>1</sup>

A segunda nota (2) concerne à circunstância de, tanto quanto sei, essa mesma *História* ter sido republicada apenas duas vezes, também em Lisboa: em 1984, pela editora Ulmeiro; três anos depois, em 1987, pelo Círculo de Leitores. —

Como se a *História do Romantismo em Portugal* não fosse, deveras, uma das histórias de Portugal que, em Portugal, devessem permanecer ininterruptamente disponíveis ao público!

A terceira nota (3) concerne à circunstância de Teófilo Braga, que em 1872 se tornou professor da cadeira de Literaturas Modernas do Curso Superior de Letras, em Lisboa, afirmar, na “Advertência” que abre a sua *História*, ter produzido esta última após “vinte e três anos

\* O qual, este meu escrito, foi muito parcialmente apresentado, em conferência com o mesmo título, no VIII Colóquio do Atlântico (TEÓFILO BRAGA HOJE), que teve lugar em Ponta Delgada nos dias 29 e 30 de outubro de 2024.

de actividade literária," a qual ali situa entre os anos de 1857 e 1880 (p. 6).

Por fim, a quarta nota (4) é a nota de que uma das grandes marcas da *História do Romantismo em Portugal* — para não referir a justeza e justiça dos mais dos juízos que formula — é, sem dúvida, a sua abrangência. Isto é, a circunstância de, bem à maneira dos pensadores setecentistas e oitocentistas que mais contribuíram para a génese do Romantismo, considerar este último (o Romantismo) não apenas na qualidade de escola estético-literária (que é o que hoje quase sempre tende a ocorrer), mas também, em primeira instância, na qualidade de "Renasçença Romântica" (p. 16) de índole histórico-cultural. Por outras palavras, na qualidade de recuperação e expressão literária (consciente ou inconscientemente) da identidade românico-germânica do Mundo Moderno ou Cristão.

## 2. ESTRUTURA DE

### *História do Romantismo em Portugal*

A *História do Romantismo em Portugal* encontra-se dividida em duas grandes partes.

Na primeira parte, que tem por título "Ideia Geral do Romantismo" e é precedida pelas poucas páginas que o índice agrupa sob

a designação “Preliminar,” o autor procede a explanação do carácter histórico-cultural e das principais causas do Romantismo, assim apresentando ao leitor quanto julgou, com justiça, “indispensável para a intelligencia da Historia do Romantismo em Portugal” (p. 11). —

Não só, afinal, para a “intelligencia” dessa história particular; também, sem dúvida, para a “intelligencia” da história do romantismo literário no Ocidente, considerado em geral ou na sua totalidade.

A parte da *História* de Teófilo a que venho de me referir, a primeira parte, trata, pois, do Romantismo na qualidade de romantismo europeu. Na segunda parte, que se divide em três Livros, o autor trata exclusivamente do suposto romantismo português. O primeiro de tais Livros, dedica-o, ele, à obra de Alexandre Herculano; o segundo, à obra de Almeida Garrett; o terceiro, por fim, à obra de António Feliciano de Castilho.

### 3. OS QUATRO PRINCIPAIS SIGNIFICADOS DO NOME “ROMANTISMO” E DE SEUS COGNATOS

Em resultado da abrangência que atrás prediquei da *História* de que ora trato, o leitor desta última depara-se com cinco ideias fun-

damentais, que lhe cingem a mente do princípio ao fim da leitura de “Ideia Geral do Romantismo.”

Antes de eu enumerar essas cinco ideias, importa-me tecer algumas considerações breves acerca do termo “romantismo,” para que se possa identificar com correção as aceções que Teófilo lhe adjudica.

Hoje em dia, o termo “romantismo” e seus cognatos surgem nas histórias das literaturas europeias e nos ensaios de crítica literária quase exclusivamente na qualidade de veículo de um de seus vários significados legítimos. Refiro-me ao significado que ocasiona que o próprio nome “romantismo” seja subsumido pelo hipónimo “movimento estético-literário” ou “escola literária.”

De par a par com essa significação, que Teófilo manteve estrita e lucidamente em mente ao falar ora do romantismo alemão, ora do romantismo inglês, ora do suposto romantismo português, o nome “romantismo” veicula, praticamente desde o seu aparecimento na Mente Ocidental Moderna, outros significados — dois dos quais, que irei identificar de seguida, sempre haverão de coocorrer com o significado “escola estético-literária,” mas, não menos, sempre haverão de, em termos lógicos, o preceder.

Em primeira instância, o qualificativo “romântico” e seus cognatos acorreram à Mente Ocidental em resultado da necessidade de predicar da vida, da literatura e até da Natureza qualidades que se deixavam entrever expressas sobretudo no género literário que em primeiro lugar surgiu e floresceu no Mundo Românico ou, precisamente, Romance.<sup>2</sup>

Falo, é evidente, da canção de gesta e da fisionomia literária que mais tarde veio a assumir, a do romance cavaleiresco e do romance amoroso-cortês. Nos quais, de modo assaz significativo, se depara pela primeira vez na história da Mente Ocidental com tecido literário determinado de modo hegemónico pelas operações da imaginação que se configuram de índole estritamente subjetiva (ao invés, é claro, de objetiva). Com tecido literário, por conseguinte, determinado por manifesta iniquidade para com o contributo que tanto a sensibilidade (*Sinnlichkeit*) como o entendimento (*Verstand*) e a razão (*Vernunft*) legitimamente — porque naturalmente — têm a dar ao conhecimento humano dos mundos interior e exterior.

Isso mesmo, percebeu-o de modo acutilante, como é sabido, Miguel de Cervantes, o autor de *Don Quijote de la Mancha* — no qual efetivamente se depara com protagonista que

se configura caricatura do hiper-idealismo medievalo-cavalheiresco-cristão.

As qualidades a que me referi no penúltimo parágrafo como qualidade expressas pela primeira vez pelo romance medieval continuam, aliás, a ser veiculadas por via do qualificativo “romântico” — sendo, elas, as qualidades que, sem dar a pensar Persival, Gawain, Guenevere ou Lancelote, suscitam às mentes deste nosso presente, de par a par, qualificativos como “amoroso,” “aventuroso,” “imaginativo,” “inverosímil” e até mesmo “pitoresco.”

Que epítetos, para além de “amoroso” e “pitoresco,” pretendem expressar, afinal, respetivamente, as senhoras que anunciam seus maridos “inveteradamente românticos,” ou que declaram as cercanias campestres para que viajam por incentivo do comércio das viagens “incrivelmente românticas”?

Quanto venho de pôr em pauta conduz-me aos dois significados do termo “romantismo” e de seus cognatos que aqui mais importam.

Em primeira instância, falo do significado que verte “romantismo” e “romântico” em designações de carácter histórico-cultural. Isto é, em designações que, para evitar confusões desnecessárias, bem se poderá considerar sinónimas (como faço aqui, na esteira de Teófilo) das

designações adjetivas “românico-germânico” e “romance” — ainda que esta última designação nos encerre nos meandros da *Kultur*<sup>3</sup> e das literaturas do *Midi*, assim nos subtraindo à *Kultur* e às literaturas nórdicas ou germânico-escandinavas.

Trata-se de designações (“romantismo” e “romântico”) que sempre terá de se ter em mente ao falar, por exemplo, do Mundo Moderno como “Mundo Romântico-Cristão,” ou ao reconhecer que o romantismo das obras de Shakespeare se configurou, na Alemanha dos séculos XVIII e XIX, uma das principais causas da tomada de consciência, e da consequente teorização, da identidade germânico-romance das literaturas modernas. Vale dizer, uma das principais causas da tomada de consciência de os filões judaico e teutónico-germânico do Cristianismo que Teófilo designa “christianismo ariano” — por oposição a “christianismo catholico (p. 60) — terem determinado diferença irreparável entre a *Kultur* e as literaturas do Mundo Antigo, helénico-latino, e, por outro lado, a *Kultur* e as literaturas da Mente Ocidental que surgiram da importação — por assim o dizer — da gesta celestial do Calvário e, depois, do proselitismo católico ou imperialista de Paulo de Tarso.

É que, na verdade, o característico mais saliente da *Kultur* e das literaturas Modernas, românico-germânicas ou cristãs, lhes chegou pelas duas destacadas vias que passo a identificar. Por um lado, a via da importação para o Ocidente do hiper-idealismo, ou irrealismo, hebraico-judaico; por outro lado, a via doméstica do hiper-idealismo, ou irrealismo, que tanto se manifesta na epopeia nórdica. Por exemplo, no segundo *Edda*, escrito entre 800 e 1100 da Era Cristã, na *Nibelungenlied*, de cerca do século XII, e, um século mais tarde, no *Parzival* de Wolfram von Eschenbach, com a sua quixotesca demanda psíquica pelo Santo Graal.

Leia-se, por exemplo, o que Heinrich Heine afirmou, no seu ensaio *Die romantische Schule* (*A Escola Romântica*), acerca da primeira dessas duas vias (a via hebraico-judaica):

Roma não pereceu em resultado da sua divisão em dois impérios. Tanto no Bósforo como no Tigre, Roma foi engolida pelo espiritualismo judaico, e tanto num lado como no outro a história romana deveio a história de uma morte lenta, de uma agonia que se estendeu por séculos [...] Efetivamente, Roma, o Hércules das nações, foi devorada pelo veneno judaico com eficiência capaz de fazer que escudo e arnês se desprendessem de seus membros tolhidos, e que seu grito imperial de batalha se abatesse, até devir o

cicio das prédicas dos padres e o trinado go-  
tejante de castrados.<sup>4</sup>

Em segunda instância, mas com prioridade lógica, falo do significado que precisamente verte “romantismo” e “romântico” em designações de carácter epistemológico. Significa isto, falo do significado que (para não entrar em pormenores que aqui seriam despropositados) verte o nome “romantismo” em sinónimo de “hiper-idealismo.” — Em decorrência de o posicionamento epistemológico que determinou esmagadoramente a percepção (*Wahrnehmung*) medieva da Mente Ocidental Moderna ou românico-cristã, e porquanto também as mentes românticas de finais do século XVIII, princípios do século XIX, se ter configurado (aquele posicionamento) privilégio da componente da consciência humana que é garantida pela aplicação estritamente subjetiva da imaginação (*Einbildungskraft*), e, porquanto, pela idealidade. Ou seja, em decorrência de o posicionamento epistemológico a que ora me refiro se ter configurado destituição, via de soberania hegemónica por parte da idealidade, da equanimidade epistemológica que verte a vida do Homem, antes de a Arte, em vida clássica. Vale dizer, em *discordia concors* (equanimidade dialética) entre as determinações constitui-

vas (porque *a priori*), mas não menos antitéticas, da vida do espírito e da vida dos sentidos.

Suspeitando de que quanto venho de pôr em pauta se prestará a erguer o sobrolho a quem porventura me leia, relembro que é com essa significação do nome “romantismo” e do qualificativo “romântico,” que se depara ao deparar, nos escritos de um dos primeiros e principais teorizadores do Romantismo, August Wilhelm Schlegel, com formulação da antinomia “classicismo / romantismo” e, pois, “clássico / romântico.”<sup>5</sup> A qual é, afinal, antinomia de índole epistemológica indevida, como Lascelles Abercrombie bem percebeu, com o resultado de ter produzido o estudo a que, em 1927, deu o título *Romanticism*.

No interesse de aqui me manter presto, dou-me de me explicar melhor por via de me socorrer das palavras dele, Abercrombie, que passo a traduzir:

...se Romantismo não é um determinado estilo poético, que é, então? Bastará, de momento, compreendê-lo com uma certa atitude mental: uma atitude para com a vida e os entes.... Qual é a peculiaridade da postura romântica, sempre que possa ocorrer, à parte do modo como possa ocorrer? Nada tem contribuído mais para tornar esta questão obscura do que o pressuposto generalizado de que se depara com antítese

entre Romantismo e Classicismo. A consideração de antítese é, aqui, de todo desadequada, dado que Classicismo e Romantismo nos situam em níveis do pensamento assaz distintos... o Romantismo configura-se elemento da arte que contribui para a totalidade das características da própria arte; configura-se elemento que, porquanto, de modo algum poderá surgir de todo à parte de outros elementos, não obstante poder mostrar-se predominante entre eles. Que é, então, Classicismo? De modo algum um elemento, mas sim um modo de combinar elementos. [...]

Ora bem, Classicismo consiste na saúde da arte: na proporção justa de seus... constituintes elementares. Se procurarmos por elementos que se constituam Classicismo e que possamos opor a elementos que se constituam Romantismo, logo nos veremos a enveredar por busca interminável e impelidos a levá-la a cabo por uma falsa antítese. Não há elementos clássicos por oposição a elementos românticos; o que há são elementos que são passíveis de entrar em concórdia ou equilíbrio — sendo que Classicismo se configura tal concórdia ou saúde. Não sei quantos de tais elementos possa haver, nem se será possível determinar o seu número; porém, um deles caracteriza-se por ser Romantismo, o qual é elemento que de imediato sugere a presença de um outro.... É que há um elemento que se opõe diretamente ao elemento “romantismo.” Trata-se do elemento “realismo;” sendo, pois, que a genuína antítese se dá a encontrar na relação entre “romantismo” e “realismo.”<sup>6</sup>

“Classicismo consiste na saúde da arte”!

E que outra coisa quis dizer Goethe, afinal, ao declarar a seu secretário, Eckerman, com a língua na bochecha, o seguinte: “O clássico designa-o ‘o saudável,’ e o romântico ‘o doente’”?<sup>7</sup>

Abercrombie, porém, contradiz-se, uma vez que “realismo” e “idealismo” se combinam em justa proporção sempre que devêm Classicismo, e uma vez que, porquanto, o nome “romantismo” terá de ser considerado sinónimo de “hiper-idealismo,” tanto quanto o excesso que naturalmente se lhe opõe haverá de ser designado “hiper-realismo.”

Hiper-idealismo e hiper-realismo.

Eis aqui, respetivamente, as marcas identitárias (i) da Mente Ocidental do Medievo (românico-germânico-cristã), e — em resultado de oposição ou reação dialética de cariz histórico-cultural — (ii) da Mente Ocidental de finais da Modernidade, começos da Pós-Modernidade.

Chegados aqui, temos já em pauta os quatro grandes significados que o nome “romantismo” e seus cognatos têm vindo a veicular secularmente: (i) “amoroso,” “aventuroso,” “imaginativo,” “inverosímil;” (ii) “movimento estético-literário,” (iii) “marca identitária histórico-cultural do Mundo Moderno,” (iv) “posicionamento epistemológico ‘hiper-idealismo.’”

O primeiro destes quatro significados parece ter entrado em uso mais ou menos a partir dos séculos XVI e XVII: a princípio, veiculando valoração pejorativa; a partir de meados de setecentos, valoração cada vez mais positiva. — Sendo que o significado “imaginativo” se encontra, sem dúvida, na origem de, equacionando-o com o qualificativo “ficcional,” Alemães, Franceses, Portugueses e Co. terem teimado em chamar “romance” também ao género literário tardio que ora corre com esse nome. Muito ao invés do que os Ingleses fizeram, os quais, sabendo-o burguês e novo, passaram a referir-se-lhe via do qualificativo latino *novel*. Ou seja, via do qualificativo “novo.”

Por seu lado, o segundo significado de “romantismo” (“de carácter estético-literário”) e o terceiro (de carácter histórico-cultural), que usam residir, respetivamente, sobretudo no âmbito da crítica literária e da história da *Kultur* ocidental, adquiriram cunho de moeda intelectual apenas a partir do século XVIII, com as teorizações, na Alemanha e na Inglaterra, que suscitaram o retorno romântico ao Medievo e, com ele e a partir dele, a psique moderna que se encontrou na origem dos vários romanatismos estético-literários da Europa de inícios do século XIX.

O mesmo vale para o quarto e último significado de “romantismo” (“de carácter epistemológico”), o qual, porém, se dá a encontrar tão somente nos escritos de teorizadores como August Wilhelm Schlegel e Heinrich Heine.

O Romantismo tendo sido sobretudo um evento de índole psíquica, o efeito interno de uma viragem regressiva no posicionamento epistemológico da Mente Ocidental setecentista-oitocentista, com a consequência de se ter configurado, de igual modo, viragem no âmbito da *Weltanschauung* e, pois, da sensibilidade e do sentimento — o Romantismo tendo sido sobretudo um evento de índole psíquica, dizia, importa não confundir romantismo vital, expresso literariamente em resultado direto de, antes de isso ocorrer, ter devindo sangue, suor e lágrimas, com romantismo meramente de carácter temático e, pois, meramente literário. Isto é, em termos concretos, importa não confundir, por exemplo, o romantismo vital da psique de um Shelley com o romantismo temático, o medievalismo figurativo, da pena de Walter Scott (que permaneceu vida a fora poeta neoclássico), de Alexandre Herculano e até mesmo de Victor Hugo.

Agora, dos quatro significados que venho de destacar na esfera semântica do nome “ro-

mantismo” e de seus cognatos (*vide supra*, p. 20), Teófilo opera apenas com dois, de par a par com se não deter nem para sublinhar essa circunstância, nem para os destrinçar um do outro. —

A qual é circunstância que se configura algo inesperada, uma vez que ele, Teófilo, se mostra profundamente consciente de que “o Romantismo partia de uma renovação philosophica” (p. 96). Isto é, “partia” da renovação filosófica que ocorreu na Alemanha entre os séculos XVIII e XIX, a qual dá pelo nome “Idealismo Absoluto” e ele delinea na secção “A Creação da Esthetica pela Philosophia Metaphysica.” — Porém, sem mostrar consciência de que entrar em linha de conta com o romantismo filosófico implica, por força, entrar em linha de conta com o significado epistemológico (filosófico) de “romantismo” e “romântico.”

Os dois significados de “romantismo” com que Teófilo opera são os que fazem esse nome (“romantismo”) entrar, respetivamente, no âmbito da periodização histórico-cultural do Mundo Ocidental Moderno (o significado de índole histórico-cultural) e no âmbito da periodização das mais das literaturas europeias que floresceram durante o Medievo e do Medievo em diante (o significado de índole estético-literária).

Efetivamente, Teófilo, que contudo traz August Schlegel e Heinrich Heine a colação *en passant*, nada teve a dizer de modo consciente a respeito ou a propósito da aplicação de índole epistemológica do nome “romantismo” — a qual é, afinal, aplicação de que se não poderá prescindir ao pôr o nome “romantismo” a uso com proibidade, tanto com o seu significado de índole histórico-cultural como com o seu significado de índole estético-literária.

Preste-se atenção, de novo, a *Die Romantische Schule (A Escola Romântica)*, de Heine:

Porém, que foi A Escola Romântica na Alemanha?

Nada mais foi, ela, do que revivalismo da poesia da Idade Média, tal como se manifestou nos cantos, na escultura e na arquitetura, na vida, daquele tempo. Essa poesia, contudo, tinha tido a sua origem no Cristianismo....

A arte clássica cingia-se a representar a finitude, sendo por isso, que se tornava possível às suas figuras devir idênticas à ideia do artista. A arte romântica, porém, haveria de representar — melhor dizendo, sugerir — a infinitude e relações de índole puramente espiritual, tendo, por isso, de recorrer a um sistema de símbolos tradicionais.... Daí, os elementos místicos, enigmáticos, maravilhosos e extravagantes das obras de arte da Idade Média. Nelas, a fantasia levou a cabo os seus esforços mais

atrozes para representar pura espiritualidade por via de imagens sensíveis, e inventou as mais colossais extravagâncias, assentando [o Monte] Pélion sobre [o Monte] Ossa, [o romance] Parzival sobre [o fragmento] Titirel, com vista a alcançar o Céu.<sup>8</sup>

#### 4. CAUSAS E GÊNESE DO ROMANTISMO: AS IDEIAS FUNDAMENTAIS DE “IDEIA GERAL DO ROMANTISMO”

As ideias fundamentais com que Teófilo confronta o leitor de “Ideia Geral do Romantismo,” as ideias a que me referi uns quantos parágrafos atrás (*vide supra*, pp. 11–12), são cinco.

A primeira ideia (1), que aqui sumário socorrendo-me com propósito em vista da alegoria “faces da Modernidade,”<sup>9</sup> é a ideia de o mundo da decadência e queda do Império Romano do Ocidente se ter configurado, precisamente, mundo de duas *faces*. Por um lado, a *face* progressista da criação do Mundo Românico-Germânico-Cristão ao tempo do longo estertor do imperialismo romano. Por outro lado, a *face arriérée*, retrógrada, do Cesarismo, do dogmatismo e do latinismo que a Igreja Católica herdou do Império Romano, e a que deu continuidade com sucesso mais ou menos até à Renascença

e ao subsequente início das revoluções Copernicana e Científica.

A segunda ideia (2) é a ideia de a identidade dos novos dialetos e das novas nacionalidades do Mundo Românico-Germânico-Cristão ter decorrido de dois fatores estritamente relacionados um com o outro.

Um desses dois fatores é, por ordem tanto lógica como histórica, a superação gradual da latinidade imperial, via da fragmentação em tais dialetos e nacionalidades (neolatinos) da unidade linguístico-cultural que foi designada “Romania” pelos povos latinizados.

O outro fator é o da concomitante formação de uma *Kultur* cristã neolatino-germânica. — Em resultado, em primeiro lugar, do cruzamento da *Kultur* romance com a *Kultur* e o carácter dos povos germânico-escandinavos; em resultado, em segundo lugar, da conseqüente transformação do “cristianismo semita” (p. 14), que Roma importara do Médio Oriente, em “christianismo ariano” (p. 60). Melhor dizendo, em Paulismo ariano.

A terceira ideia (3) é a ideia de a Europa Moderna pós-medievalidade se ter afundado em desconhecimento profundo das suas origens romances e germânicas (medievais), em decorrência de “desnaturalização” (p. 14) do carác-

ter românico-germânico das nacionalidades e das literaturas Modernas. — Tendo essa mesma “desnaturação” resultado: (i) por um lado, da continuidade que a Igreja Católica dera ao imperialismo romano, via de seu endêmico latinismo e cesarismo; (ii) por outro lado, dos interesses político-económicos das monarquias absolutistas da Europa Moderna; (iii) por outro lado, ainda, da Renascença e da conseqüente propagação de apreço pela *Kultur*, pelas literaturas e pela escultura do Mundo Antigo: Helénico-Latino.

Por seu turno, a quarta ideia (4) é a ideia de os elementos medievalista e nacionalista do romantismo estético-literário terem encontrado a sua causa mais direta na descoberta, no século XVIII, da “unidade dos povos românicos” (p. 18) e da “unidade das línguas indo-europeias” (p. 20), sobretudo em resultado do aparecimento da consabida obra de Giambattista Vico (1668–1744), *Scienza Nuova, Intorno alla Natura delle Nazioni* (1725), e dos escritos de August Wilhelm Schlegel (1767–1845). — Cujas Conferências acerca da *Arte Dramática e da Literatura* inauguraram, a partir de 1809, as antinomias “classicismo / romantismo” e “clássico / romântico,” ao pôr em evidência, antes de Heine, o seguinte: que o classicismo estético

da Antiguidade se caracteriza por dar conteúdo figurativo particular e concreto (real-objetivo) a entidades universais e, porquanto, abstratas (ideais-subjetivas) — se caracteriza por encarnar o ideal no real, — enquanto o romantismo estético do Mundo Moderno se caracteriza por, inversamente, tentar dar a todo e qualquer conteúdo figurativo particular e concreto (real-objetivo) a fisionomia psíquica das respectivas entidades universais e abstratas (ideais-subjetivas).

Finalmente, a quinta ideia (5) com que “Ideia Geral do Romantismo” confronta o leitor é a ideia de, alcançada a sua compleição robusta, o Romantismo de princípios do século XIX se ter configurado revolução literária coocorrente com e determinada pelas revoluções político-sociais que a Revolução Francesa inaugurou. Por outras palavras, é a ideia, para utilizar a terminologia do próprio Teófilo, de o romantismo literário ter devindo inevitavelmente “romantismo liberal” (p. 10).

## 5. IDEIAS FUNDAMENTAIS DO “PRELIMINAR” DA HISTÓRIA DE TEÓFILO

Antes de eu passar a aprofundar um pouco mais quanto venho de dizer com respeito às

ideias principais a que Teófilo Braga recorre na sua *História*, importa que registre as principais linhas de força da parte introdutória desta última, a qual — já o disse — o índice colige sob a designação “Preliminar.”

Ali, Teófilo tece considerações que genuinamente se revelam de carácter introdutório, de par a par com se revelarem de grande utilidade para leitores menos conhecedores do fenómeno psíquico-histórico de que ele trata: o Romantismo.

Uma dessas considerações, que em primeira instância encontra raiz nas teorizações protorromantismo do pensador alemão Johann Gottfried von Herder (1744–1803),<sup>10</sup> é a consideração de haver decorrido seis séculos de esquecimento da Idade Média — esquecimento das nacionalidades e das literaturas decorrentes dos dialetos românicos, — até o Romantismo (estético-literário) ter vindo a inspirar-se em tais literaturas para exprimir conscientemente as características e o espírito nacionais da pretérita *Kultur* e mundividência romântico-germânico-cristã.

No dizer do *nosso* autor, que de imediato traz à mente *De l'Allemagne* (1813, 1839), de Germaine de Staël,<sup>11</sup> tais seis séculos (de esquecimento do Medievo) foram séculos durante os quais as literaturas europeias “se exerceram

em falso, imitando as obras da cultura greco-latina, porque não se inspiravam das suas origens tradicionais” (p. 7).

Outra das considerações com que se depara em “Preliminar” é a consideração, a que já aludi, de o Romantismo maturo ter-se configurado “transformação das litteraturas modernas” (p. 8) de par a par com a transformação de ordem político-social que a Revolução Francesa inaugurou. — Tendo esse mesmo romantismo, *qua* “romantismo liberal” e, pois, anti Santa Aliança, sido representado na Inglaterra sobretudo pelo satanismo de George Gordon Byron (1788–1824) e pelo fervor político (o amor à Liberdade) de Percy Bisshe Shelley (1792–1822), bem como, na Itália, por Giacomo Leopardi (1798–1837), e, na Alemanha, por Heinrich Heine (1797–1837).

Segue-se, em “Preliminar,” a consideração de o período do Romantismo propriamente dito ter sido precedido pelo período que Teófilo designa “proto-romântico” (p. 8), ao invés de o designar, como ora usa ocorrer, período “pré-romântico.”

Nesse mesmo período, pré-Revolução Francesa, de retorno à Natureza, *sensiblerie* e “melancolia romanesca” (pp. 8–9), “O Romantismo,” afirma Teófilo, manteve-se “alheio a

doutrinas philosophicas,” tendo sido “sem uma intenção clara do que pretendia,” que rompeu “com o passado, do mesmo modo que as novas instituições politicas se haviam elevado sobre as ruinas do regimen catholico feudal” (p. 9).

O período “proto-romantico”, considera o autor de seguida, originou reação de índole “pseudo-classica” (p. 8), a qual emparelhou com a Restauração político-religiosa do Antigo Regime e do Catolicismo que então ocorreu sob a égide da Santa Aliança (1815, após Waterloo, até Guerra da Crimeia, 1853–56).

O período que é designado “período da Santa Aliança” constituiu-se também, porém, sobretudo em França, período em que o Romantismo, afirma-o Teófilo, “serviu a causa reaccionaria, fortalecendo a propaganda clerical” (pp. 9–10).

Trata-se, como é consabido, do período de que se fizeram representantes sobretudo François-René, Visconde de Chateaubriand (1768–1848), o autor de *Génie du christianisme* (1802) e Alphonse Marie de Lamartine (1790–1869).

Por fim, depara-se, em “Preliminar,” com duas outras considerações.

Uma delas é a consideração de que “foi o romantismo emanuelino,” o romantismo que emparelhou com o vigor inicial da Santa Aliança, “o que entrou tardiamente em Portugal, predomi-

nando a feição religiosa em Herculano, e a medieval e cavalheiresca em Garrett.” (p. 10)

A outra consideração recorre em “Ideia Geral do Romantismo.” Trata-se da consideração assaz pertinente, mas nem sempre presente nos espíritos dos estudiosos do Romantismo, de o genuíno romantismo europeu se ter configurado sobretudo evento psíquico e estético de cariz germânico. O “impulso do Romantismo,” declara Teófilo sem temor — porquanto, sem rodeios, — “veio dos povos germanicos, allemães e inglezes, para os povos neo-latinos” (p. 9).

É pena, parece-me, que a perspicácia de Teófilo Braga não o haja conduzido a considerar de igual modo que, na sua feição robusta, o Romantismo se configurou, por isso mesmo, fenómeno psíquico de índole exclusivamente Protestante. Muito embora haja a constatar, por outro lado, que a perspicácia do nosso autor, Joaquim Teófilo Fernandes Braga, não poderia ter deixado de lhe falhar com respeito a isso. — Uma vez que ele manifesta página a página não se ter alçado à consciência crítica de um dos principais constituintes psíquicos do Romantismo maturo ter sido este: o fervor emocional, a *earnestness*, com que, por exemplo, os poetas protestantes ingleses William Wordsworth (1770-1850), Samuel Taylor Coleridge ( 1772-1834) e Percy

Bisshé Shelley (1792–1822) se lançaram em demanda de vida panteísta com que reviver, tanto quanto ainda lhes era possível, os restos mortais (na psique europeia) de Yahweh — a divindade que o teísmo romano-medieval importara do Hebraísmo e que o deísmo setecentista, decorrente diretamente da Revolução Científica, expulsara de todo do trono da imanência, ao vertê-la em inteligência absconditamente criadora do mundo, sob o aspecto de mundo-máquina. E, porquanto, ao vertê-la (a divindade Yahweh) em divindade inalcançável por via do sentimento, das emoções e dos sentidos.

Foi, afinal, com fervor religioso protestante não menos assombroso do que o fervor libertário de Byron — que o moveu a morrer em luta, contra o Império Otomano, pela independência da Grécia, — que os românticos ingleses que venho de mencionar pelejaram em prol da presença nos mundos psíquico e físico de espírito divino algo capaz de colmatar a ausência insuportável, em seus corações cristianizados a partir do berço, da pia batismal, do afeto paternal (o amor incondicional) via do qual o Novo Testamento anunciara mortas e enterradas de uma vez por todas, porque de um tempo já imensamente ultrapassado, a crueldade e a irascibilidade do deus antigo de Abraão e do Livro de Job.

Dizendo melhor, a crueldade e a irascibilidade dos *Elohim* do povo hebraico do tempo para que o Livro Genesis aponta. Por conseguinte, dos *deuses* (humanos ou não humanos) de tal povo — uma vez que, no Pentateuco, *Elohim* se configura, como é sabido, plural majestático.

Pelas razões que venho de pôr em pauta, chamo *second best*, “melhor do que nada,” ao pulsar divino que tais poetas românticos, entre outros, tentaram importar para seus corações moderno-medievos, na esteira dos filósofos românticos *avant la lettre* Gottlieb Fichte (1762–1814) e Friedrich Schelling (1775–1854). Porquanto, na esteira, mais recuada, de Giordano Bruno e de Baruch Espinosa. —

Sendo que a tanto os moveu (os poetas românticos que mencionei), para além de quanto mais, o pavor insuportável que lhes punha na alma o troar monótono das rodas dentadas do Mundo-Máquina, a cujos êmbolos a filosofia natural de Isaac Newton medira a cubagem e a rotatividade havia cerca de um século.

Atente-se em que quanto venho de pôr em pauta contrasta por demais com a circunstância de, nos países católicos, como França, Espanha, Itália e Portugal, o Romantismo pouquíssimas ou nenhuma vez ter excedido o estatuto formal de romantismo meramente *no*

*papel*: o estatuto de exercício da pena por depauperação do exercício do espírito, de ritual estético ou *cultural* de todo aparentado ao ritual formalmente religioso (das missas aos domingos, das orações de catecismo e das confissões inconsequentes) que o Catolicismo herdou do ritualismo vital rabínico e, pois, sabatino.

No ritual de um tal exercício da pena, se funda, afinal, o “Romantismo religioso” (p. 84) católico, acerca do qual o *nosso* autor teve a dizer, referindo-se a Espanha e Portugal, o que ora registro:

O Romantismo em Hespanha devia de ser mais uma direcção do que uma fórmula; mas a ausência da pátria, em que os escriptores se viam separados da communicação com o povo, os desalentos pessoais nos prolongados desterros, levaram-os para a imitação das novas fórmulas, não se elevando acima do Romantismo religioso, que veio comprometer a causa da liberdade com a falsa miragem de que a Hespanha fôra grande na época do poder absoluto da monarchia e do catholicismo. [...] O Romantismo religioso propagou-se em fórmula de philosophia no humanismo krausista, e é n'este mysticismo mental que o genio hespanhol se conserva, sem atacar os seus velhos inimigos, a monarchia e o clericalismo[,] com o criterio scientifico.

Em Portugal vêmos a repetir-se com os mesmos caracteres o primeiro impulso do Romantismo. (p. 84)

Na verdade, se o fenómeno psíquico intimamente germânico a que se dá o nome “Reforma Protestante” não houvesse ocorrido, o Romantismo — poder-se-á bem supô-lo — não teria ocorrido; ou, pelo menos, não teria ocorrido com o *élan vital* com que ocorreu. Bem como não teria ocorrido, ao invés do que se verificou, com raízes profundamente mergulhadas no solo psíquico do Puritanismo e do Pietismo,<sup>12</sup> e, pois, mergulhadas no apego vital deste último à noção híbrida (helénico-cristã) de *schöne Seele* (“alma bela”).<sup>13</sup> — Sendo que, se não houvesse sido assim, o carácter nacional da América de hoje recuaria até ao ritualismo *católico* da *high-church* anglicana — ao invés de ao fervor religioso puritano-romântico.

O Barão Byron morreu, febril, em Missolonghi, na Grécia, por decreto de seu vivido libertarianismo e de seu vivido filelenismo.

Percy Shelley adormeceu para sempre no mar de La Spezia, autenticamente de tempestade e de desgosto: desgosto de compartilhar com os mais dos homens a espécie “animal humano.” E, porquanto, ali morreu autenticamente de *Sturm und Drang!*

Tinha navegado o Arno da vida não chegara a trinta anos.

Por seu lado, John Keats não terá tido sorte igual apenas em virtude de ter perecido de consumpção antes de isso acontecer.

E Herculano, por exemplo, que Teófilo apoda de “catholico chateaubrianico” (p. 112), pereceu de pneumonia. — Não, porém, sem antes ter “simula[do] desgostos, deserta[do] do commercio das lettras e entrega[do]-se á cultura e negocio do azeite”! (p. 117)

## 6. O ROMANTISMO COMO FENÓMENO GERMÂNICO

A “Marcha da Renascença Romanica” (p. 16) — “românica” e, pois, “romântica,” — Teófilo viu-a a avançar, com justeza e justiça, da Alemanha, depois, afinal, de ali ter chegado vinda de Inglaterra. “O movimento do Romantismo,” assevera, “partiu da Allemanha, porque era a nação que pelos seus habitos philosophicos mais depressa podia chegar á verdade de uma concepção racional.” (p. 16)

“Depois da Allemanha,” lê-se umas quantas linhas a seguir, “era à Inglaterra, pelas condições de independencia civil e politica provenientes das suas instituições, que se podia ir

procurar o segredo da originalidade litteraria” (pp. 16-17).

Tem-se, pois, que, não obstante terem succumbido à Antiguidade *Moderna* do Renascimento e do Neoclassicismo tanto quanto a França, foram esses dois países Modernos, a Alemanha e a Inglaterra, os que jamais chegaram a despojar-se dos “caracteres da litteratura moderna: a vida subjectiva da consciencia individual aproximada da generalidade humana” (p. 17). —

Bem como se tem, por conseguinte, que é naqueles dois países (Alemanha e Inglaterra), que mais se depara com vida e litteratura propícias a “extremar as litteraturas modernas das antigas, em que a vida publica era o objecto da idealisação artistica” (p. 17). — Com o resultado inevitável de ali mesmo (na vida e litteratura daqueles dois países) mais terem encontrado fundamento e justificação os dois grandes significados (de índole histórico-cultural e estético-literária) que Teófilo declara attribuir ao termo “romantismo.”

## 7. COMTISMO E ROMANTISMO EM “IDEIA GERAL DO ROMANTISMO”

Referindo-se ao carácter que acabamos de o ver adjudicar às “litteraturas antigas,” Teófilo assevera a seus leitores (após digressão rumo ao entendimento positivista de “literatura”): “por esta clara concepção de Comte, é que entendemos que a palavra Romantismo exprime cabalmente o facto da renovação das litteraturas da Europa no princípio d’este seculo” (p. 17).

O comtismo de Teófilo Braga pouco ou nada haveria de se prestar, por natureza, a coadunar-se com a circunstância de se deparar com ele, Teófilo, a escrever a sua *História*, do princípio ao fim, na qualidade de paladino empenhado do romantismo medievalista e nacionalista, a que se refere como “este facto esplendido do nosso seculo” (p. 101). Vale dizer, na qualidade de paladino empenhado do romantismo que se pautou por recuperar o “espírito nacional” (p. 102), de par a par com sobrevalorizar (sou eu quem o afirma) “a importancia de uma tradição nacional” (p. 95) e, por conseguinte, “a ideia de fundar uma litteratura para servir de expressão ao character nacional” (p. 89). —

A qual é ideia que Garrett não menos rememora e recomenda, sobretudo nas páginas

de seu *Romanceiro* — aonde essa mesma ideia foi remontar só depois de ter devindo assaz tardia, muito depois de ter sido originariamente formulada por Herder, a quem se ficou a dever, tanto num caso (o de Teófilo) como no outro (o de Garrett), o apreço incondicional por *Volksdichtung*, poesia popular-nacional, que a um só tempo se configure.... Isso mesmo: *Volksdichtung*: poesia popular-vulgar (de *vulgus*): “linguagem de protesto e de revivescencia nacional” (p. 81). Porquanto, poesia capaz de expressar a “feição nacional” de todo e qualquer “espírito” ou “caracter nacional” (p. 89). Isto é, no dizer original de Herder, de todo e qualquer *Nationalgeist* ou *Nationalkarakter*.<sup>14</sup> —

Que adentro de ti, ó romantismo nacionalista e liberal, quem mais ordena é a *Volksseele*, a alma viril e esperta do povo (*déēmos, vulgus, Volk*), na qualidade ínclita de repositório trans-histórico da raça, do génio, da língua, da inventividade... do Povo (*déēmos, natio, Volk*).

Na verdade, o comtismo de Teófilo Braga pouco ou nada haveria de se prestar, por natureza, a servir de órganon que lhe permitisse avaliar desapassionadamente o Romantismo e suas inerentes relações com o Classicismo.

Teófilo estima o aparecimento do “genio historico” no século XIX como uma das grandes causas do Romantismo. Diz ele

:

...só em um periodo assim positivo é que se podia achar a unidade tamanha... [da] Historia. Quebraram-se as velhas divisões da historia sagrada e profana, de historia antiga e moderna; todas as creações do homem, por mais fortuitas, merecem hoje que sejam estudadas nos documentos que restam. (p. 19).

De par a par, tem-se o seguinte: que “É por isso que no seculo que soube conceber a philosophia da historia, que soube deduzir da discordancia das religiões e das linguas, das raças e dos climas[,] uma harmonia superior, a tendencia para a perfectibilidade indefinida do homem, só a esse seculo competia lançar as bases positivas da historia das litteraturas.” (p. 20)

Agora, se, na verdade, houver que quebrar, em prol do “methodo positivo” (p. 22), “as velhas divisões da... historia antiga e moderna,” como haverá de se tornar concebível que quanto mais importe seja que “o estudo das litteraturas modernas de[va] começar mesmo antes” de “uma nova raça [ter] entr[ado] na historia”. Ou seja, “mesmo antes da constituição das novas nacionalidades, no momento em que novas

raças trabalham para se affirmarem historicamente"? (p. 27)

O "methodo positivo," dá Teófilo a saber, colocando-se de modo inconsciente do lado dos cânones literários clássicos e neoclássicos, acarretou consigo a descoberta de que "a litteratura forma um todo organico, cujo valor historico consiste em não ser dominado por um criterio individual". Porém, nacional. — Sendo que, "analysada a obra litteraria sob o ponto de vista esthetico, é preciso conhecer o genio do artista, o estado do seu espirito, para ver como foi impressionado e como soube imprimir ao que era uma particularidade do seu pathos uma generalidade humana." (p. 21)

Repara-se: "uma generalidade humana." Isto é, a generalidade que, por exemplo, o poeta romântico William Wordsworth efetivamente declarou dever manter-se (como já os teorizadores do neoclassicismo literário haviam defendido) o grande télos de toda a genuína poesia,<sup>15</sup> nisso não havendo incorrido em incoerência, devido à razão de peso de jamais se ter vertido em apóstolo do romantismo nacionalista. —

Nisso, opondo-se a Teófilo, o qual, pela razão inversa, não se apercebeu sequer de entrar em contradição com ele mesmo, ao transitar

abruptamente “d’este methodo positivo” para a convicção a que deu voz ao asseverar:

Uma vez considerada a obra intellectual como extranha a toda a arbitrariedade pessoal, a todo o capricho de aberração, por isso que a sua generalidade provém da sua propria racionalidade, o conjunto de obras que formam uma literatura, só pode ser bem comprehendido quando através das suas multiplices formas podermos fixar como o genio privativo de uma raça se revelou n’ellas, como ellas, apesar d’esta corrente fatal, tiveram um elemento livre para exprimirem a consciencia da nacionalidade, que se se affirmou por essas obras, e com ellas fortaleceu a sua unidade, e finalmente, quando n’esse todo organico podermos discriminar ás diversas correntes da civilisação trasmittida (p. 28).

Manifestamente, depara-se nestas páginas da *História* de Teófilo (as quais de modo ocasional carecem de lucidez conceptual e de competência discursiva) com confusão flagrante entre: (i) “generalidade” no sentido lógico de “género”: “generalidade humana,” “generalidade [que] provém da... racionalidade”; (ii) “generalidade” no sentido lógico de “espécie” ou de “diferença específica” (de diferença subsumida por diferença genérica): a generalidade — repare-se no adjetivo — “do genio privativo de uma raça” (p. 23).

Logo de seguida, Teófilo trata de concretizar “estas ideias” por via de mencionar “os processos de exegese praticados [pela crítica literária] com a Divina Comedia, com o Dom Quixote, ou com o Fausto [de Goethe]” (p. 23).

Contudo, nada habita essas grandes obras literárias que tenha decorrido do intuito de revelar e fixar “o genio privativo de uma raça” (ao invés de o *Zeitgeist* e a mundividência de um determinado período histórico-cultural do Mundo Romântico-Cristão). Ou, sequer, algo que dê a conhecer diretamente um tal génio. (A não ser que se considere raça a *raça* romântico-católico-cristã.)

Acresce, aliás, que, do *Fausto* de Goethe, “Der Tragödie zweiter Teil” (“Segunda parte da Tragédia”) prima por presentear o espectador (ou o leitor) com casamento entre o cavaleiro medieval Fausto e Helena de Troia, com vista a obter a prole Moderna de um Eufórion romântico-clássico (materialmente romântico, formalmente clássico). Vale dizer, com vista a obter a prole de um meio irmão, meio parente afastado, do filho Eufórion de Helena e Aquiles, o qual (o Eufórion ou Euforião! de Goethe) acaba por ser expulso da mãe manifestamente apenas romântico, qual o pai (Fausto), vindo a perecer de seu ímpeto, Moderno-Cristão, para voar e ascender ao Empíreo. Melhor: ao Reino dos Céus.

Com toda a evidência, não bastava a Goethe a *raça* teutónico-germânica; muito menos a *raça* românico-romântica.

Só por si, o nome de sua malograda persona literária, Eufórion (sede de *euforia*, no sentido etimológico “sensação de saúde”), o dá a saber sobejamente.

Toda a grande obra literária terá de se consumir resultado do esforço não para separar generalidade ou universalidade, forma, de particularidade ou concreção, matéria, mas sim do esforço inverso para tornar cada uma dessas duas *faces* da vida e da arte (do Ser) indistinta da outra. — Sendo, essa, a razão por que, por exemplo, os reis ingleses das peças históricas de Shakespeare se apresentam perante a faculdade da imaginação tanto nessa condição particular-material, de monarcas adentro a especificidade da nacionalidade inglesa, quanto na condição, universal-formal, de monarcas adentro a generalidade de toda a humanidade. E, porquanto, adentro todas e quaisquer nacionalidades.

Acresce que Teófilo fala da “tendencia para a perfectibilidade indefinida do homem” (p. 20) sem mostrar saber a que perfectibilidade se refere — como, aliás, o próprio qualificativo “indefinida” dá a perceber.

A perfetibilidade do Homem, perceberam-no intuitivamente os gregos Antigos, ao indagar com que vontade e por que desígnio os deuses teriam permitido a existência de um tal animal (o Homem) — a perfetibilidade do Homem pressupõe logicamente a possibilidade de o próprio Homem avançar, cultivando-se *qua* indivíduo ou membro particular de sua espécie, a mais perto da forma “perfeição HOMEM.” Isto é, a mais perto de concretizar em si a perfeição universal, formal, da classe HOMEM. Muito ao invés, porquanto, de pretender concretizar em si a perfeição particular, porque necessariamente de carácter histórico e material, do homem românico-romântico-cristão ou do homem helénico-clássico-pagão.

Na verdade, terá sido uma feliz fortuidade da história intelectual do Ocidente, que tenha sido a raça helénico-clássico-pagã a descobrir a IDEIA DE HOMEM e, por conseguinte, a forma universal, por natureza em nada “indefinida” (p. 20) da perfeição do próprio HOMEM.

E, agora, em que terá de consistir o preenchimento histórico, ou via de vida, de sangue, suor e lágrimas, de tal forma?

Já aqui o dei a saber.

Terá de consistir em devir vida clássica, saúde humana ou *euforia, discordia concors* entre

idealidade e sensibilidade (*Sinnlichkeit*), forma e matéria humanas. — À revelia, de todo, de ter de consistir nas fisionomias específicas, determinadas historicamente, que a vida coletiva de hebreus, helenos, bárbaros e cristãos possa assumir.

Quero dizer, de novo, muito ao invés de tal preenchimento histórico (ou instanciamento histórico) haver de consistir em devir animal humano grego ou romano, românico e/ou germânico, russo ou romeno, hebreu ou ariano, cristão ou pagão. Consequentemente, muito ao invés de esse mesmo preenchimento histórico (ou instanciamento histórico) haver de devir vida (teórica e prática) romântica — hiper-idealista — ou vida pós-moderna e, porquanto, hiper-realista.

Que assim é e haverá de continuar a ser (mesmo após não haver animal humano sobre a face da Terra), por decreto eterno de divindade por força desconhecida, não o percebeu de todo Teófilo (o nome significa “Amante de Deus”). — Ao contrário de Platão, com sua defesa de logos *in mente ante rem*, e Aristóteles, com sua defesa oposta de logos *in mente post rem*.

Ofuscado pela luz da lanterna que guiava sua árdua luta em prol, a um só tempo, do romantismo nacionalista e do romantismo liberal, não se deu conta, o nosso autor, de que condenar, com probidade, a imitação neoclás-

sica das obras literárias dos poetas Antigos ou genuinamente clássicos, para incentivar o aparecimento adentro o Mundo Moderno de literatura genuinamente Moderna, em nada haveria de apoucar louvor a emulação (ao invés de “imitação”) da vida clássica (tendencialmente clássica) que a tais obras deu vida, glória e fulgor.

Tomás de Kempis, é sabido, proclamou, *romanticamente: Imitate Christi!* Amando-o por isso, mas oferecendo-lhe orelhas moucas (como de costume), os homens do Ocidente Moderno deram-se de imitar Virgílio, Horácio e Homero. Porém, todo o genuíno fenómeno estético, configure-se homem ou poema, cristão ou pagão, eternamente haverá de proclamar: *Imitate generis!*

## 8. ROMANTISMO FILOSÓFICO E KANTISMO EM “IDEIA GERAL DO ROMANTISMO”

Uma das grandes causas que Teófilo adjudica ao Romantismo, com razão mas de modo enviesado, é o desenvolvimento, na mente filosófica do Ocidente Moderno, “da ciência de tudo aquilo que é sensível.”<sup>16</sup>

Como ele mesmo, Teófilo, põe em evidência, ao anunciar que “a Esthetica foi sensualista em Baumgarten, idealista em Schelling e Hegel” (p. 65), tal ciência, a ciência do belo *qua*

perfeição sensível, foi inaugurada por Alexander Gottlieb (Teófilo!) Baumgarten (1714–1762). O qual raciocinou pela primeira vez que não só a intuição intelectual, mas também a intuição sensível, teria de exhibir *ordo plurium in uno*, e, pois, que, a perfeição sendo o modo como o *unum* é atualizado maximamente pelo *plura*, deveria haver, de par a par com a ciência da perfeição intelectual, a Lógica (λογική), a ciência da perfeição sensível: a Estética (αισθητική).<sup>17</sup>

Teófilo, o paladino, inclusive, do romantismo filosófico (alemão), revela ter mente e coração quase apenas para a estética romântica de Friedrich von Schelling. — Não se apercebendo, por isso, de que a circunstância de se opor visceralmente ao Cesarismo ditatorial do Império Romano e da Igreja Católica, e, por conseguinte, a circunstância de se colocar do lado da “marcha histórica dos tempos modernos” (p. 12), do lado da *face* progressista e libertária da transição histórico-cultural do Mundo Antigo para o Mundo Moderno, românico-germânico-cristão — não se apercebendo, por tanto, de que tais duas circunstâncias o obrigavam a avançar, para ser coerente, não na esteira do pensamento filosófico de Fichte e de Schelling, cujo idealismo absoluto (subjetivo-objetivo) se configurou *face arriérée* da Modernidade, retorno ao

transcendentismo e absolutismo teológicos do Medievo, mas sim na esteira da epistemologia e da estética que Immanuel Kant (1724–1804) inaugurou. Isto é, na esteira do idealismo subjetivo, do kantismo, o qual, pelo contrário, determinou o aparecimento, no seio da Modernidade, de *face* genuinamente *avancée*, porque comprometida com libertar a Mente Ocidental Moderna do atavismo romântico-cristão do Eufóron de Goethe (do filho, indevidamente nominado, de Fausto e de Helena): o atavismo de aceder à transcendência por via de dar largas às asas da metafísica da imaginação (*phantasia*).

Por outras palavras, e de modo mais preciso, quanto venho de dizer significa o seguinte: que Teófilo não se apercebeu de que o romantismo filosófico rumou em direção ao futuro dando continuidade (tanto quanto ainda possível) à *via antiqua* do pensamento medieval, enquanto via que, de modo abrangente, havia incluído tanto a tradição platónico-neoplatónica-agostiniana quanto a tradição aristotélica-neoplatónica de Franciscanos (Escotistas) e Dominicanos (Tomistas). — Ao passo que o kantismo rumou em direção ao futuro dando continuidade à *via moderna* que Ockham e o occamismo haviam iniciado no século XIV, ao darem por finda, por influência consentida do aristotelismo árabe, a síntese an-

tiga entre idealidade e realidade, fé (sentimento e crença) e racionalidade, teologia e filosofia.

Teófilo, que revela ter conhecido a teoria do conhecimento, e a estética, de Immanuel Kant por via tão-somente de lhe ter conhecido o nome, decidiu que a “renovação philosophica” (p. 96) que se encontrara diretamente na origem do Romantismo decorrera quase exclusivamente de “Fichte, Schelling e Hegel [terem] leva[do] à altura de sciencia a critica das creações sentimentais” (p. 18).

Fora Kant, quem “enceta[ra] a revolução philosophica,” assim levando a que “o problema da esthetica, ou philosophia da arte, nunca mais... [fosse] abandonado” (p. 18).

Contudo, “o desenvolvimento scientifico dos problemas da Esthetica saiu da renovação metaphysica da primeira metade do século XIX”: do idealismo ético (de Fichte) e do idealismo absoluto (de Schelling e Hegel). — Sendo que “foi ella,” tal renovação, “que... imprimiu [aos problemas da Estética] uma unidade imponente.” E sendo, também, que essa mesma renovação “Pouco deve a Kant”! (p. 68).

Certo! —

Já que, cito Teófilo, “quando Schelling fez para a Philosophia de Fichte o mesmo que Fichte fez para a Philosophia de Kant, elevou-

-se do modo mais franco e lucido a este ponto de vista”: o ponto de vista de o “sentido inexgotável das cousas só pode[r] ser achado pela Arte” (p. 69).

Teria importado, portanto, que alguém tivesse informado Teófilo de três circunstâncias determinantes.

A primeira circunstância (1), que Fichte documentou sobejamente no seu *Die Bestimmung des Menschen* (*A Vocação do Homem*), é a circunstância de que, muito provavelmente, o próprio Fichte e seu rival Schelling jamais teriam transcendido sequer os limites do racionalismo cartesiano caso a teoria do conhecimento (a epistemologia) de Kant não houvesse envolto suas almas cristianizadas deste o começo, desde a Confirmação, em pavor existencial insuportável.<sup>18</sup> E não lhes houvesse fornecido as *armas* com que o combater filosoficamente.

A segunda circunstância (2) é esta: a circunstância de, pela razão que acabo de apontar, se deparar com Fichte e Schelling a filosofar por impulso, em primeira instância, de *saudade* (*Sehnsucht*) invicta do cabeça de casal medieval da Sagrada Família, e, pois, se deparar com ambos a filosofar pelos mesmos motivos de índole existencial com que se depara (i) com Wordsworth a flirtar com a teoria platônica da metempsicose

(em “Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Immortality”), (ii) com Coleridge a compara-nos a harpa eólica dedilhada por vento cósmico presente em tudo e em todos (em “The Eolian Harp”) e a plagiar o pensamento de Schelling, (iii) com Shelley a semear preces ao vento do oeste (em “Ode to the West Wind”) e a amar, temendo-a, “The awful shadow of some unseen Power” que “Floats though unseen among us, visiting | This various world with inconstant wing” (em “Hymn to Intellectual Beauty”).<sup>19</sup>

Por fim, a terceira circunstância (3) de que Teófilo deveria ter sido informado é a circunstância de que, não fosse o pavor existencial que referi no penúltimo parágrafo, o qual involuntariamente ficou a dever-se à epistemologia de Kant, Fichte e Schelling, os grandes impulsionadores do romantismo filosófico na Alemanha e na Inglaterra, jamais teriam, de igual modo, feito suas as novas *armas* críticas do próprio Kant, para contra ele pelejarem — com o fim último em vista de fazer renascer das ruínas religiosas do Medievo Fénix filosófica que os arrancasse à irracionalidade diabólica do não-Eu (*nicht-Ich*) e os sustivesse no ar, céus a fora, até alcançarem o bosque circundante do Leto, para, a dois passos dali, confirmarem com o Eu Absoluto (*Absolut Ich*) suas salvíficas premonições ro-

mânticas, sentados — é claro — à mesa do banquete bíblicamente prometido, mas já, inevitavelmente, frente a frente com Mefistófeles! <sup>20</sup>

A que salvíficas premonições românticas me refiro? <sup>21</sup>

Poder-se-á bem reduzi-las ao pressuposto antikantiano de se deparar com identidade entre idealidade e realidade, entre forma conceptual ou unidade sintética (posto) e matéria ou diversidade real (dado).

E, por conseguinte, poder-se-á bem reduzir essas mesmas premonições ao pressuposto antikantiano de a posição (*Setzung*) a que chamamos “arte” compartilhar do carácter ontológico-objetivo da oposição (*Gegensetzung*) a que chamamos “realidade.” —

Sendo que é desse mesmo pressuposto, com o qual Teófilo se mostra entusiasticamente (romanticamente) de acordo, não obstante lhe tolher o exagero, que decorre o seguinte: que “O principio quasi incoercível da identificação entre o infinito e o finito, entre a realidade e o pensamento, entre o mundo physico e o mundo moral, comprehendia-o [Schelling] diante de uma obra d’arte” (pp. 70-71). Com o resultado assaz romântico de, “arreatado aos ultimos exageros” (p. 71), “reduzi[r]... a nature-

za a uma eterna poesia e a actividade da intelligencia a um sublime poema.” (p. 71)

Isto é, com o resultado de, por palavras do próprio Schelling, “O mundo objectivo... [vir] então a ser a poesia primitiva do espirito, que não tem outra consciencia” (p. 71).

Em lugar de tão-somente “espirito,” leia-se “Espírito absoluto” ou “Eu absoluto,” e logo se perceberá, julgo, dois factos assaz reveladores.

O primeiro facto (1) é o de, *qua* eu consciente de sua própria produção, a obra de Arte, e de si mesmo *qua* produtor, o artista romântico ter passado a criar com e por via da consciência do Eu absoluto, o poeta universal. Isto é, o artista romântico ter passado a criar na posse do credo de assim mesmo se encontrar a criar.

O segundo facto (2) é o de a divinização e sacralização do artista e da Arte que daí teria de decorrer mais não ter servido, no fundo, do que compensação romântica da queda, no final do Medievo, do edifício católico-cristão, e, por conseguinte, da perda da antropologia que concedera ao animal humano o estatuto de obra de arte do e à semelhança do Criador transcendente de todas as coisas: Yahweh.

Uma das grandes causas que Teófilo atribui ao Romantismo (a terceira), sobretudo ao romantismo liberal, é, como bem seria de es-

perar, a Revolução Francesa e a rutura política com o Regime Antigo que ela operou — antes, *ça va sans dire*, de ali mesmo, em França, Napoleão ter passado a sentar-se no trono antigo em que por último Luís XVI se sentara.

Que eu saiba, Heinrich Heine estabeleceu comparação entre o regime napoleónico e o regime romântico, pelo menos, duas vezes.

Em *Die Romantische Schule* (*A Escola Romântica*), num passo em que, contra Teófilo, Heine sublinha quão o Romantismo efetivamente se configurou face *arriérée* da Modernidade, Napoleão devém clássico e grande; os iniciadores do Romantismo devêm Pequeno Polegar e Gato das Botas. E, porquanto, a relação entre Romantismo e Revolução Francesa não devém ali, pelo menos de modo explícito, motivo de exaltação nem para um (Romantismo), nem para a outra (Revolução Francesa). Refiro-me ao seguinte passo:

O período de preparação para esta luta [contra os ventos revolucionários vindos de França] foi naturalmente o solo mais favorável possível a uma escola que era hostil ao espírito francês e que exaltava, na vida e na arte, quanto fosse caracteristicamente alemão. Naquela altura, a Escola Romântica andava de mão dada com os interesses dos governos e das sociedades secretas, e o senhor A. W. Schlegel conspirava contra

Racine com os mesmos objetivos com que o Primeiro Ministro Stein conspirava contra Napoleão. Aquela escola nadava com a corrente dos tempos, a qual recuava em direção à sua nascente. Quando, por fim, o patriotismo alemão e a nacionalidade alemã se tornaram de todo vitoriosos, a Escola nacional, germânica, cristã, romântica, a “arte religiosa e patriótica neo-germânica,” não menos triunfou de modo retumbante. Napoleão, o grande clássico, tão clássico quanto Alexandre e César, caiu, e os senhores August Wilhelm e Friedrich Schlegel, os românticos menores, românticos à altura do Pequeno Polegar e do Gato das Botas, ergueram-se vitoriosos.<sup>22</sup>

Por outro lado, depara-se, agora em *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland (Para a História da Religião e da Filosofia na Alemanha)*, com Fichte, o iniciador do romantismo filosófico, a ser comparado a Napoleão em termos que equacionam o pensamento kantiano com as motivações progressistas da Revolução Francesa. Heine afirma:

Ao outrora estabelecer comparação entre a Revolução Francesa e a filosofia alemã, eu comparei Fichte a Napoleão, mais a brincar do que a sério. Porém, subsistem, na verdade, semelhanças notáveis entre um e o outro. Após os kantianos terem completado o terrorismo da sua ação destrutiva, apareceu Fichte, tal como Napoleão apare-

ceu após a Convenção ter demolido todo o passado por via, de igual modo, de crítica da razão pura. Napoleão e Fichte representam o grande Eu inexorável, no qual pensamento e ação se não distinguem, sendo que as estruturas colossais que ambos ergueram com sucesso se mostram testemunho de vontade colossal. Contudo, em resultado da ilimitação de tal vontade, essas mesmas estruturas cedo colapsaram, levando a que tanto a Ciência do Conhecimento como o Império se hajam desintegrado e desaparecido tão rapidamente quanto surgiram.<sup>23</sup>

Agora, Teófilo não se poupa em palavras de encómio tanto para com Fichte como para com a Revolução Francesa, de onde decorre que, como já aqui dei a ver, se revela de todo inconsciente de que louva a um só tempo: (i) filósofo conservador (formalmente conservador) das promessas e expectativas religiosas do Medievo e (ii) revolução a um só tempo política e emancipatória da infantilidade intelectual de tais promessas e expectativas.

Refiro-me, é óbvio, à própria Revolução Francesa, e quem apodo “filósofo conservador” é o próprio Fichte, como também é óbvio. — Fichte, cujo pensamento Teófilo treslê ao ver-tê-lo em pensamento avançando-se na direção pressupostamente progressista da “marcha histórica dos tempos modernos” (p. 12), da tran-

sição da unidade latina do Cesarismo romano para a “unidade dos povos romanicos” (p. 18).

Acontece, aliás, que Teófilo lê o fichtianismo retroprojetando sobre ele a luz da lanterna do schellinguismo, assim transformando o idealismo ético (de Fichte), indevidamente, em idealismo estético, de par a par com sequer vislumbrar que a irresolúvel oposição fichtiana entre (i) Eu (*Ich*) e (ii) não-Eu (*nicht-Ich*), (i) posição (*Setzung*), idealidade ou subjetividade, e (ii) oposição (*Gegensetzung*), realidade ou objetividade, se configura reintrodução na mente pós-medieval, à revelia de Kant, das dualidades medievo-cristãs Deus/Diabo e espírito/carne, bem como, por conseguinte, se configura regresso ao dualismo escolástico-cartesiano. Leia-se Teófilo, a este respeito:

Quando Fichte sucedeu a Kant, na inani-  
dade da abstracção teve de fortalecer-se  
com... terrível rigor lógico; esse rigor levou  
ao assombroso exagero, mas admirável, da  
concentração do universo no Eu, unico co-  
nhecimento de um facto provado no acto da  
consciencia, e por isso tomado para servir de  
norma á realidade do universo. Na philoso-  
phia de Fichte ha um eterno antagonismo  
entre a natureza e o Eu; a natureza coarcti-  
-lhe a liberdade, o Eu procura-lhe o seu fim  
racional, para assimilar-a [*sic*] a si. A Arte,  
para Fichte, era o instrumento d’esta lucta; o  
fim da Arte corresponde a esta actividade do

Eu, é pelos productos da Arte, que vae realisando o seu poder como creador. Que importa que Fichte tratasse accidentalmente d'este problema, que o não tivesse bem definido á sua intelligencia; uma vez determinado este fim da Arte, acabou essa falsa ideia da escola sensualista, que lhe dava como fim a imitação. [...] Fichte foi levado a este verdadeiro fim da Arte, porque em volta d'elle se estudava as obras da arte da antiguidade, com o amor do antiquário, com a vontade de perceber as civilizações antigas, como o faziam Lessing e Winkelmann. A par de uma corrente positiva, (na archeologia e na crítica) recebera a influencia directa da verdade dos factos, e sem o sentir determinou para sempre esta conclusão geral (pp. 67-68).

Por conseguinte, foi o amor ao Classicismo, o filelenismo, de Lessing e Winckelmann (que se fez católico com vista exclusivamente a poder ir para Roma e, ali, estudar as cópias romanas das esculturas gregas dos deuses pagãos), de par a par com o positivismo da crítica que levaram a cabo e da archeologia do tempo deles, que, Teófilo *dicit*, conduziram Fichte e a Modernidade, em última instância, à “verdade dos factos”. —

Isto é, para recorrer à terminologia de Kant, à verdade antikantiana de a unidade *a priori* do eu empírico (a unidade última da aperceção transcendental) se impor à “realidade do universo” não apenas na qualidade “de norma”

intersubjetiva, mas também na qualidade “de norma” ontológico-objetiva! —

Do mesmo modo, é claro, que ela, unidade *a priori* do eu empírico, se impusera, não menos na qualidade de posição (*Setzung*) normativa de índole ontológico-objetiva, à fisionomia humana da divindade pseudo-absoluta do Cristianismo (importada do Hebraísmo) e, por via disso, à oposição (*Gegensetzung*) que nele, Cristianismo, passou a chamar-se “Diabo”!

Por conseguinte, para o dizer por outras palavras, Teófilo entendeu que foi a revalidação na vida e na arte do posicionamento epistemológico “classicismo,” a revalidação que Lessing e Winckelman em vão encetaram, que conduziu Fichte — e, via dele, a Modernidade — à revalidação da hegemonia, na vida e na arte católico-cristãs, do posicionamento epistemológico “romantismo” (hiper-idealismo)! —

O qual (romantismo) efetivamente se configurou fundamento último de toda a *Kultur* característica do Mundo Moderno romântico-cristão, fazendo que o espírito deste último (do Mundo Moderno) “condemn[asse] a natureza” (pelo menos, em teoria, mas, ainda assim, à revelia de vida clássica) por determinação íntima de sua própria constituição e vocação (*Bestimmung*), ao invés de por deter-

minação de “o christianismo [ter] receb[ido] o vício da unidade romana” (p. 89).

Que importa, na verdade, que Fichte “tratasse accidentalmente d’este problema”?!

Para ser coerente, Teófilo teria tido de fazer seu o ponto de vista que, partindo de Heine, mas sobretudo com o “terrorismo” filosófico de Kant em mente (para repetir Heine), Walter Pater adotou, nos finais do século XIX, no seu ensaio “Prosper Mérimée.” Este ponto de vista:

Para alguém que tivesse nascido em 1813, muito de quanto havia, pelo menos, aquecido a imaginação até mesmo do céptico século XVIII tinha recentemente subtraído-se à esfera da convicção. Com selar o túmulo da Revolução, Napoleão tinha posto fim a uma série de problemas, extinguido muitas esperanças, na esfera da prática. Foi Heine, quem traçou o paralelo mental. Também no mundo mental, uma perspectiva alargada tinha conhecido recentemente fim. Após a crítica de Kant à mente, as pretensões desta última para avançar para além dos limites da experiência individual pareciam encontrar-se tão mortas quanto as pretensões da realeza francesa. E Kant apenas fez surgir a força teórica mais íntima de uma crítica mais geral, que se havia subtraído a todo o tipo de ação subjacente a princípios outrora estimados eternos. Seguiu-se uma época de desilusão. A personalidade típica desse tempo era Obermann, o verdadeiro

gênio do *ennui*, um francês que, roubado até mesmo de patriotismo, mal tinha força suficiente para morrer. Contudo, almas mais energéticas haveriam de recuperar forças e de encontrar modo de se apossarem do melhor possível de um mundo de todo alterado. Arte, as paixões — acima do mais, o êxtase e as tristezas — do amor, conhecimento da natureza e do homem de cariz puramente empírico: isso ainda se dava a alcançar, pelo menos na qualidade de *pasatempo*, num mundo que não mais se propunha calcular seus destinos mais remotos: — arte, ciência, paixão, porém, modificadas por uma atitude algo nova para com os interesses práticos da vida. O *désillusionné*, que encontrara nas negações de Kant a última palavra com respeito a um mundo invisível e dava por si a viver a *véspera* da Revolução, sob o governo de uma monarquia constituída *ad hoc*, haveria de se ver privado de certas antiquíssimas expectativas naturais, e haveria de exigir de quanto lhe despertasse interesse algo que lhe servisse de estímulo artificial. Tinha perdido o sentido que resultara de considerar tudo em grandes proporções, aquela vista abrangente para a vida como um todo (de ponta a ponta do tempo e do espaço, parecera), cujo máximo alcance se dava a apreender da torre de uma catedral da Idade Média.... Privada daquele cenário excitante mas pacífico, feita prisioneira da cela estreita de sua experiência subjetiva, uma natureza possante haveria de passar a encetar ação intensa, mas de carácter exclusivo e peculiar. Haveria de passar a abeirar-se da arte, da ciência,

da própria experiência da vida não como se se abeirasse de porções do alimento diário da natureza humana, mas de algo que, dadas as circunstâncias, teria de configurar-se exceção: quase do mesmo modo como certos homens se entregam, desesperados, ao jogo ou aos narcóticos, com o resultado de, pouco depois, passarem a valorizar o narcótico, o jogo de sorte ou de perícia, exclusivamente em função dele mesmo. A vocação do artista, do estudioso da vida e dos livros, haveria de passar a cumprir-se com marca aparentada, digamos, à do fanatismo, na qualidade de fim em si mesmo, isolado de quaisquer relações, de todo carecido de associações. [...] O desenvolvimento destas circunstâncias constitui-se a história mental do século XIX, em particular tal como se dá a ver concretizado em França.<sup>24</sup>

Teófilo, porém, decidiu ler “a história mental do século XIX” (repito Pater) como história determinada em primeira instância não pelo pensamento de Kant, mas pelo Romantismo, “este facto esplendido do nosso seculo” (p. 101), de par a par com decidir que a “vocação do artista” (no dizer de Pater), do artista romântico e pós-romântico (do Modernismo ao Pós-Modernismo, afinal), haveria de continuar a ser, por mão de Fichte, a vocação romântica de produzir arte em que o não-Eu (*nicht-Ich*) se visse, por fim, de todo conforme, em termos ontológicos, à “norma” hegemónica do Eu (*ich*). —

Com o resultado Pós-Moderno — admirável — de os lobos haverem de lambar as mãos ao próprio Eu (*Ich*), quais cordeiros engordados a caminho do covil, bem como de, solícitos, os suínos lhe gerarem vísceras transgênicas, mas humanas, e de, via do cesto de compras de Silicon Valley, o sítio novo do novo Vaticano, a inteligência artificial lhe vender, infalível, imortalidade. —

Oh, espanto!  
Quantas criaturas capazes lá se encontram  
aqui!  
Quão de beldade é a humanidade! Oh, bravo  
mundo novo,  
Que cerra tais gentes no seio!<sup>25</sup>

(Importa apreender os sentidos que estas palavras veiculam, os quais a tradução tenta reproduzir com fidelidade, com atenção extremada.)

## 9. REVOLUÇÃO FRANCESA E ROMANTISMO EM “IDEIA GERAL DO ROMANTISMO”

À Revolução Francesa, Teófilo atribui, tanto quanto, afinal, ao romantismo nacionalista e às invasões napoleónicas, o estatuto de causa do aparecimento, na Europa, dos nacionalismos. Afirma ele:

...acresce o dar-se em quasi todos os povos da Europa, em consequência da revolução franceza, uma aspiração nacional em virtude da qual a realesa despotica teve de aceitar as cartas constitucionaes: ou tambem, no periodo das insensatas invasões napolonicas, os povos tiveram de resistir pela defensiva, reconhecendo assim pelo seu esforço o grão de vida da nacionalidade. As literaturas tiveram aqui um esforço para se tornarem uma expressão viva do tempo (p. 18). —

Sendo que, como se percebe, a importância de tais nacionalismos, não a encontrou ele, Teófilo, em se excluírem e se digladiarem mutuamente, mas sim em todos se configurarem reinstanciação da grande unidade Moderna: a insigne nacionalidade românico-teutónico-cristã.

O romantismo medievalista decorreu mais de necessidade de libertação do despotismo epistemológico que a razão exercera sobre a vida e a arte dos primeiros três quartéis do século XVIII, decorreu mais da consequente vontade de remontar ao predomínio que a imaginação e o impulso para a transcendência mantiveram na vida e na literatura medievais, do que de ensejo de recuperar e reafirmar a grande identidade do Mundo Moderno-Romântico-Cristão.

Contudo, em virtude de a Idade Média se ter constituído o berço das novas nacionali-

dades românico-teutónico-cristãs, o ímpeto que animou esse romantismo, o romantismo medievalista, deixa-se confundir parcialmente com o ímpeto que animou o romantismo estritamente nacionalista. O mesmo não podendo verificar-se — porque isso seria paradoxal — entre tal bifurcado ímpeto conservador ou retrógrado e o ímpeto progressista que se encontrou na origem do romantismo que Teófilo designa “romantismo liberal” (p. 10).

Contudo, ele, Teófilo, não cura de pôr em evidência que assim tenha sido, limitando-se a listar o palco da Revolução Francesa, na qualidade de palco da libertação sociopolítica do jugo das monarquias absolutistas, de par a par com o palco, estritamente de índole estético-literária, da libertação do jugo estrangeiro dos cânones literários clássicos. Assim se expondo ao risco de nele, Teófilo, se ler intenção de adjudicar à própria Revolução Francesa causalidade extensiva tanto ao romantismo estritamente de índole político-social, o romantismo liberal, como ao romantismo nacionalista e ao romantismo medievalista, considerado, este último, quer como confluyente com o anterior (o romantismo nacionalista), quer como fenómeno de índole estritamente literária ou estética.

Significa isto, quer como libertação, na literatura e nas restantes artes, dos rígidos cânones clássicos e neoclássicos.

A este respeito, preste-se atenção às palavras dele, Teófilo, que irei citar no parágrafo seguinte, as quais começam por mencionar o “fundo de tradições populares” e passam a falar (i) da redescoberta da Idade Média e (ii) da Revolução Francesa sem o cuidado de evidenciar que a identificação do guardião maior de tal “fundo de tradições” com o povo (*vulgus*) serviu a causa dos romantismos medievalista e nacionalista tão-somente em resultado de, por seu turno, o romantismo estritamente estético-literário ter encontrado na ideologia democrática do romantismo liberal princípio propício a destronar a dicção poética da poesia neoclássica. — E, por quanto, princípio propício a destronar a artificialização e bastardização da linguagem coloquial-popular que esta última (a poesia neoclássica) levava a cabo, em parte por determinação de sua aversão endémica a expressão espontânea dos sentimentos e a referência a aspetos da vida do dia-a-dia supostamente indignos do alto estatuto da Arte.<sup>26</sup>

Eis aqui as palavras de Teófilo a que me referi:

Assim como se conhece a originalidade das litteraturas pelo fundo de tradições populares em que se baseam, do mesmo modo se contraprova a sua vitalidade pela aspiração moral ou política de que ellas são expressão. Pelo conhecimento erudito da Edade Media descobriu-se quaes eram as fontes das litteraturas modernas; pela especulação philosophica chegou-se a formular o criterio por onde se devem julgar as creações do sentimento. Falta agora ver, como a grande commoção moral e política produzida pela Revolução Franceza se reflectiu entre todas as nações, e como as litteraturas, na sua phase romantica, se tornaram a expressão viva da nova aspiração á liberdade. Foi n'este momento de enthusiasmo, em que se procurava a verdade no typo e espontaneidade da natureza, que as Litteraturas modernas proscreveram a imitação da anti-guidade. Estabeleceu-se a lucta de preceitos e preconceitos de escola; o arsenal dos canones academicos recebeu o nome Classico, e a livre manifestação do sentimento na arte, o nome Romantico. (p. 75)

## 10. TEÓFILO E OS TRÊS GRANDES ELEMENTOS DO ROMANTISMO HISTÓRICO-CULTURAL

De par a par com considerar as grandes causas do Romantismo — (i) a redescoberta da Idade Média e, via dela, a redescoberta da unidade dos povos Modernos, (ii) o aparecimento da Estética e (iii) a Revolução Francesa, — Teó-

filo considera os três grandes “elementos” que entraram na constituição da psique e da identidade do Mundo Moderno, Românico-Teutónico-Germânico: (1) o “elemento romano” e, sobretudo (2) o “elemento christão” e (3) o “elemento barbaro.” Isto é, ele, Teófilo, considera sobretudo os dois grandes elementos — (2) e (3) — que os romantismos medievalista e nacionalista mais se pautaram por recuperar e revalidar, através, de sobremaneira, de lhes dar expressão literária.

Quanto Teófilo tem a afirmar acerca (1) do “elemento romano” prende-se diretamente com a condenação, generalizada entre os teorizadores do Romantismo, da designada “imitação” dos cânones literários clássicos ou Antigos — tendo a utilização tradicional do nome “imitação” (na qualidade de tradução duvidosa do grego μίμησις) <sup>27</sup> sonogado de todo lugar à utilização, mais correta, do nome “emulação,” que remete sobretudo para a forma das obras literárias clássicas, ao contrário de “imitação,” que tende a expressar confusão entre forma (por exemplo, a forma do género *épos*) e matéria (por exemplo, a representação das leis e desígnios da Natureza com a fisionomia pagã das divindades gregas e romanas).

O argumento de Teófilo a este respeito é linear e fácil de compreender. Diz ele:

Ao procurar nas literaturas modernas o elemento romano, temos a distinguir o que pertence às imitações forçadas, meramente individuais, das épocas eruditas chamadas de Renascença, e as formas de civilização transmitidas de um modo natural e aproveitadas como primeiro núcleo de um trabalho intelectual que as antecedeu. De ordinário confunde-se estas duas feições.... Se a tradição da literatura latina fosse transmitida como coisa viva, se coexistisse com a formação das línguas vulgares, e com o espírito das modernas nacionalidades que procuravam constituir-se, não se teriam dado os seguintes factos: 1.º, a prompta dissolução do latim urbano e preponderância dos dialectos rústicos, usados até nos actos jurídicos; 2.º, a profunda antinomia entre o classicismo dos modelos rhetoricos e as primeiras tentativas literárias, livres manifestações da língua, da paixão, do interesse e da vida própria dos povos novo-latinos. (pp. 27-28)

Acresce que “as tradições romanas são em grande parte copiadas da Grecia” (p. 32), que a literatura latina de finais do império se “tornou estéril, sem ideias,” com a consequência de o “elemento romano” se deixar vislumbrar no Mundo Moderno não, por exemplo, na presença do latim proto-romance nas línguas novo-latinas ou romances, mas sim no “contagio inenunciável de mediocridade da intelligencia humana desde a decadência de Roma até ao seculo VII”

(p. 34): “cinco seculos” em que “A literatura.... nada tinha a transmittir” (p. 38).

No que toca (2) ao “elemento christão” (*vide supra*, p. 70), Teófilo fá-lo mostrar-se marcante não no início do Império Romano, no reinado de Augusto (27 AC–14 DC), mas sim no seio da “dissolução” do próprio Império Romano, quando “appareceu em Roma uma philosophia admitida pela necesidade de protesto” (p. 38).

Trata-se do “Stoicismo,” que terá feito surgir “uma como especie de rehabilitação da natureza,” da qual (“rehabilitação”) o Cristianismo compartilhou “Antes de attingir uma forma dogmatica no christianismo hellenico” (pp. 38–39). —

Tendo isso ocorrido em virtude de “a doutrina de Christo” compartilhar com o Estoicismo não só (i) a circunstância de ter “por fundamento a moral” (p.39), mas também (ii) a circunstância de o “estado de immanencia” que “os stoicos sentiam em comum” ser “o mesmo que os christãos” sentiam “na correlação dos efeitos para a causa primária”! (p. 39)

O “elemento christão” do Mundo Moderno, *qua* elemento judaico dissidente compartilhado pelas diversas nacionalidades românico-teutónicas, neolatinas e germânicas, adveio ao próprio Mundo Moderno, porquanto, em

conjunção com o legado de quanto de melhor fora levado para Roma em virtude da decadência desta última. — Com o resultado de, ao “evangelisa[r] a igualdade diante de Deus” e, por esse modo, “propag[ar] *Ubi dominus, ibi libertas,*” o Cristianismo se ter configurado continuação do Estoicismo, o qual “condemnava a escravidão como contra a natureza”. (p. 39)

Porém, não tardou que o Cristianismo (sobretudo após ter assumido a sua feição nicéica e ter devindo Catolicismo em força, religião oficial do Estado Romano por édito do imperador Teodósio I) “recebe[sse] o vício da unidade romana” e “condemn[asse] a natureza, como vemos no principio da ascese mystica do monachismo” (p. 39).

Em resultado de tão devastadora metamorfose, os afamados Pais da Igreja “foram racionalistas do sobrenatural” (p. 39), e “a igreja... preferiu perder a espontaneidade da natureza, por uma unidade formal, impassível e calculada”: “Era o principal vício da decadência romana, revelado na centransação [sic] administrativa.” (p. 41)

Ocorreu, então, que “Roma quis centralizar o dogma”, com o resultado de “Christo [se ter] torn[ado] também romano”! (p. 41)

Por outro lado, tem-se que o “nihilismo desenvolvido pelo christianismo... indicava uma ordem nova” (p. 40), uma “nova ordem de sentimentos” (p. 43), que corria em direção ao futuro, à sedimentação do Novo Mundo, enquanto, correndo em sentido inverso, “a igreja adoptou a lingua latina para a expressão universal da sua liturgia”, nisso indo “de encontro á corrente natural” do “desenvolvimento que se estava dando no latim fallado nas colonias e nas classes infimas da sociedade” (p. 45).

Ou seja, nisso indo “de encontro á corrente natural” do “chamado sermo *rusticus, vulgaris, pedestris*, que se ia estendendo a todas as necessidade da vida, à medida que o latim urbano se reduzia aos artificios dos rhetoricos” (pp. 45-46).

Em vista de tudo isso, poder-se-á, sem dúvida, ler nas palavras de Teófilo que o grande contributo do elemento cristão para a identidade do Novo Mundo, Românico-Teutónico, foi este: manter viva a “nova ordem de sentimentos,” que importara do Judaísmo, via do novo *sermo vulgaris* e à revelia da “unidade aristocrática” que, “para rivalisar com o feudalismo” (p. 47), a Igreja Católica — Apostólica Romana — construía sob a égide do latim clássico e o troño pagão dos imperadores.

Contudo, repare-se, o elemento que corrigiu “as aberrações auctoritarias da tradição da decadência” (p. 49), a tradição que a Igreja fizera sua, não foi o Cristianismo, o “elemento cristão,” que corria nas veias do povo e lhe acorria ao coração. — Foi, isso sim (*vide supra*, p. 70), (3) “o novo elemento arabe” (p. 49). O qual, chegado do Oriente “em todo o esplendor” (p. 49) a partir do século VII, trouxe consigo “o seu positivismo” e “comunic[ou] à Europa as obras de Aristoteles,” que “os judeus traduziram para latim,” com o resultado final de “a sciencia pela primeira vez [ter] abandon[ado] a ortodoxia.” (p. 50)

A este respeito, a respeito do contributo para a saúde da Europa que aqui adjudica ao Mundo Árabe, Teófilo revela-se de todo coerente. Ao invés do que usa ocorrer com espíritos menos sagazes ou menos honestos. Preste-se-lhe atenção:

Todos estes vícios da unidade romana abraçados pelo catholicismo vieram encontrar um correctivo salutar, no aparecimento do Mahometismo na historia. [...] O christianismo deixava de ser semita ao entrar na Europa; de monotheista fez-se tritheista, reproduzindo os velhos mythos do Oriente, contra os quaes o judeu reagira com o principio abstracto do Jehovismo. Os Arabes formavam un dos ramos mais vastos da grande raça semitica; foram elles que rea-

giram contra esta desnaturaçãõ da ideia de divindade nua e absoluta. Mahomet seria incapaz de fundar uma religiãõ, se nãõ tivesse encontrado as tendencias de uma raça que reclamava uma direcçãõ. Justiniano, com mais poder, influindo despoticamente nos concilios, nãõ conseguiu mais do que dissoluçãõ. O genio semíta temia que se fosse cair na idolatria, e proscreeu a imagem; viu um polytheismo e lançou a formula só Deus é Deus (p. 44).

Nãõ lhe bastando estas consideraçoẽs, Teófilo concorda com "Procopio, historiador do Baixo Imperio," ao declarar "o aparecimento de Mahomet... uma consequencia" do "capricho cesarista" "das aberraçoẽs da theologia byzantina, com que Justiniano tanto se alegrava." (p. 45) Bem como avalia o Maometanismo, sem temor e, pois, sem rebuço, "um correctivo aos defeitos recebidos pela igreja quando adoptou na sua tradiçãõ os exemplares de uma litteratura decadente." (p. 45)

De par a par com a expansãõ e sedimentaçãõ (afirmaçãõ) no Mundo Moderno do Cristianismo popular, do Cristianismo do sentimento, dos afetos e da imaginaçãõ, assistiu-se, pois, a a Europa ser curada da "letargia intelectual" (p. 49) em que o reacionarismo católico a havia mergulhado nãõ só através de se ver forçada a estender-se, pela primeira vez, às regiões a

norte e sul do Danúbio (as regiões do “elemento barbaro”), mas também, muito mais tarde (do século XII em diante), através de importar o “elemento arabe” de Meca e de Bagdade. — Com o resultado de, por esse modo, remontar à Atenas de Aristóteles: o seu primeiro e genuíno ponto de partida.

É que, do ponto de vista de Teófilo, o “elemento barbaro,” para cuja mocidade no Mundo Moderno reserva estima e paixão tão marcadas quanto as que despende à maturidade que ele (“elemento barbaro”) viria a assumir no idealismo ético (de Fichte) e no idealismo absoluto (de Schelling e Hegel) — é que, do ponto de vista de Teófilo, dizia, o elemento doméstico que denomina “barbaro” contribuiu, na verdade, não menos do que o elemento helénico-pagão trazido do Estrangeiro via de Meca e de Bagdade, para libertar o Cristianismo popular das novas gentes romances da atrofia a que o sujeitava o Cesarismo, a latinidade Antiga e o dogmatismo da Igreja Católica.

Atente-se nas seguintes palavras:

...uma nova raça também nova na historia, fecunda, original e forte, abraçara o christianismo; os barbaros do norte deram a essa doutrina a feição do seu character racionalista, e apaixonaram-se pela humanidade de Jesus. Mas a tendência polemica recebia o

vicio dos sophistas da civilização decadente.... Era o o principal vicio da decadência romana.... (p. 41)

Logo de seguida, o *nosso* autor afirma:

As raças germânicas, abraçando o christianismo reduziram-o, adaptaram-no ao seu sentimento individual. O arianismo não é mais do que esta modificação instintiva caracterizada pela negação do dogma da divindade de Jesus. Até ao fim do século V quasi todos os principes eram arianos; estava recente na memoria a abjecção degradante da apotheose dos imperadores, e os barbaros do norte, tenazes e sinceros na sua crença, não aceitavam a divinisação de Jesus, porque não precisavam d'esse cunho religioso romano para comprehenderem a grandeza do sacrificio. É ao tempo de Theodosio que começa a introduzir-se nas leis o nome catholicismo differente de christianismo; este mesmo facto assignala o momento em que a egreja começa a abraçar a unidade romana. (pp. 41-42)

Tem-se, pois, que o “elemento” que a princípio haveria de purificar o Cristianismo judaico da latinização e estatização a que a Roma católica o submetia, transfigurando-o, haveria de surgir do seio do paganismo nórdico, do politeísmo odínico. Bem como se tem que tal

“elemento” haveria de fazer isso mesmo por via sobretudo de negar a divindade de Cristo!

Não menos, tem-se — venho de o pôr em pauta — que “a sciencia pela primeira vez abandonou a ortodoxia” (p. 50), chegando o momento, por volta do século XIV, de o “elemento” mais marcante do Mundo Moderno, o Cristianismo, soçobrar, em resultado do positivismo trazido do Mundo Árabe, mas de inspiração helénica: por conseguinte, de inspiração não menos de índole pagã e politeísta! —

Sendo que, com *fair play* inigualável, “A igreja veio a comprehender sob este nome [o nome *paganus*], tirado de uma fôrma da sociedade civil,” *pagus*, “todos aquelles que não abraçavam o catholicismo, todo e qualquer não baptizado” (p. 60).

Porquanto, também os pensadores Antigos que mais lhe forneceram as pedras e a argamassa do intellecto com que ela, “A igreja,” veio a construir o seu edifício dogmático e o seu fantástico, mas teoricamente democrático, esquema de salvação.

(Dante bem sabia o que fazia, ao situar as almas pagãs que mais determinaram a teologia católica no primeiro círculo — o Limbo — da arquitetura do seu Inferno.)

Resumindo:

No meio da influencia da cadente civilização romana, e das tendencias para a tradição unitaria do catholicismo, é que aparece na historia o poderoso elemento germanico. Pelo conflicto entre o vivo e o morto, é que se vê a natureza da lucta que o genio germanico teve de soffrer, e por isso mesmo se vê o alcance da sua força. ...eram Barbaros pelos caracteres primitivos que apresentavam, como o instincto da hospitalidade, da vingança hereditaria, da paixão ardente pelo jogo e pelas bebidas fermentadas, pelo exclusivo emprego da actividade das armas, deixando ás mulheres o trabalho da agricultura (pp. 50-51).

Ter-se-á Konstantínus Kaváfis visto movido a escrever o poema “À Espera dos Bárbaros” por inspiração recolhida em Teófilo?

Ainda que decerto assim não tenha sido, um (Kaváfis) e o outro (Teófilo) estavam, certamente, de acordo: “Que irá acontecer-nos na ausência dos bárbaros? I Aquela gente foi uma espécie de solução.”<sup>28</sup>

Rousseau, cujo pessimismo civilizacional atravessa o filão primitivista do Romantismo, não poderia deixar de concordar com ambos. Não foram os bárbaros, afinal, uma sorte de *bon* ou *noble savage*? — Num momento de viragem da história do Ocidente em que

...[se] crearam... as linguas e nacionalidades modernas, as industrias, as fórmulas de arte, as comunicações internacionais, a religião popular, a independência individual, — em summa, uma actividade organica e fecunda, que não podia provir unicamente do christianismo, porque cedo recebeu a direcção mystica, que leva á aniquilação da personalidade, ao nihilismo da intelligencia, á suppressão da vontade como o supremo ideal de perfeição (p. 53).

Portanto, a genuína religião, a genuína *Kultur* e as genuínas literaturas do Mundo Moderno jamais haveriam de ser o que vieram a ser em se tendo visto privadas da “natureza primitiva” (p. 53) que se encontrara na origem da “theologia odínica...das raças germanicas” e que “as torn[ou] aptas para receberem a doutrina mystica do christianismo” (p. 55).

Como se verifica por estas palavras e pelas que por último citei em bloco recolhido, Teófilo não andou longe, afinal, de entrever que os demais significados que o termo “romantismo” veicula assentam, em primeira instância, no seu significado epistemológico: o significado que, como atrás dei a saber, faz que “romantismo” se configure sinónimo de “hiper-idealismo:” em decorrência de este último ter sido o posicionamento epistemológico que mais determinou quer a psique dos povos neolatinos, que vivifi-

caram o Cristianismo do Medievo, quer a psique pagã dos povos germânico-teutónicos, que, de igual modo, vivificaram o próprio Cristianismo, quer, ainda, a psique dos românticos (filósofos e poetas) de finais do século XVIII, princípios do século XIX. — Os quais, precisamente por essa razão, encetaram recuo mental ao Medievo, ao arrepio da *face avancé* da Modernidade, inaugurada sobretudo pelo criticismo de Kant.

### 11. DEFINIÇÕES DO NOME “ROMANTISMO” EM “IDEIA GERAL DO ROMANTISMO”

As considerações que acabo de fazer remetem-me para a circunstância de, no decurso de “Ideia Geral do Romantismo,” Teófilo tentar definir “romantismo” por mais de uma vez.

Num primeiro instante, já o dei a saber, ele define “romantismo” como “transformação das litteraturas modernas” que “encetou no mundo intellectual o que a Revolução Franceza iniciara na ordem política” (p. 8).

Num segundo instante, também já o dei a saber, ele define “romantismo” por via de asseverar que “a palavra Romantismo exprime cabalmente o facto da renovação das litteraturas da Europa no princípio d’este seculo.” (p. 17)

Num terceiro instante, ele define “romantismo” do seguinte modo:

A facilidade com que se vulgarizou por toda a Europa a designação Romanico, para caracterisar o movimento das litteraturas modernas e differencial-as [*sic*] das litteraturas antigas ou classicas, designação estabelecida nas discussões criticas entre Goëthe e Schiller, e propagada pelos Schlegel, revela-nos um feliz achado, cujo valor importa conhecer, para o não abandonar. O Romantismo encerra a conexão historica com os dialectos romanicos da Edade Media; esses dialectos, desenvolvendo-se em linguas nacionaes, fixando as suas fórmulas gramaticas no uso escripto, tornaram-se litteraturas. As novas linguas, apenas falladas, eram chamadas pelos eruditos da Edade Media, Romance, pela indisciplina das suas fórmulas com relação ao latim.... A essa espontaneidade da linguagem correspondeu a espontaneidade de novos sentimentos, que revelavam na civilisação do mundo moderno uma classe desconhecida nas sociedades antigas, o povo. Os criticos allemães ao caracterisarem o Romantismo, apontavam a independencia absoluta dos canones rhetoricos, o individualismo do sentimento, ou a inspiração como a verdade do modo de sentir individual, e as obras litterarias baseadas sobre as tradições nacionaes de cada povo, e por isso escriptas não para as academias, mas para actuarem no conflicto das transformações sociaes. A palavra Romantismo tem este sentido complexo e profundo, porque accentua na civilisação occidental

a relação achada pelo espírito moderno entre as suas linguas e as suas litteraturas. É realmente lamentavel, que o Romantismo adquirisse a significação estreita do facto caduco e transitorio de byronismo, porque nenhuma outra palavra, como realismo, ou mesmo positivismo, póde exprimir este grande phenomeno e ao mesmo tempo as suas vastas relações (pp. 63-64).

Repare-se na circunstância de ser em resultado de adjudicar ao nome “romantismo” em primeira instância, com total correção, significado de índole histórico-cultural, que Teófilo lamenta aqui, de modo indireto, que esse mesmo nome (“romantismo”) haja passado a veicular quase exclusivamente significado de índole estético-literária. Mais em concreto, que haja chegado até mesmo a usurpar a esfera semântica deste segundo significado (de índole estético-literária) por via de o comunicar na qualidade de *pars pro toto*. Isto é, por via de verter “romantismo” em sinónimo de “byronismo.”

Num quarto e último instante, já o vimos, Teófilo reserva o qualificativo “romântico” para “a livre manifestação do sentimento na arte,” por opposição à imitação do “arsenal dos canones academicos”, que “recebeu o nome Classico”. (p. 75)

Confirma-se, pois, quanto afirmei a princípio: que, na sua *História*, Teófilo encontra no nome “romantismo” e em seus cognatos exclusivamente significado de índole histórico-cultural e significado de índole estético-literária.

## 12. O ROMANTISMO EM PORTUGAL EM “IDEIA GERAL DO ROMANTISMO”

Resta-me, aqui, pôr em pauta sumariamente a leitura que Teófilo faz do chamado “romantismo português” no decurso da primeira parte da sua *História*. Isto é, para ser mais preciso, no decurso sobretudo das três últimas secções de “Ideia Geral do Romantismo,” que têm por títulos: (i) “Porque chegou o Romantismo tão tarde a Portugal;” (ii) “Como foi compreendido o Romantismo em Portugal;” (iii) “Consequencias contradictórias.”

Na primeira dessas três secções (“Porque chegou o Romantismo tão tarde a Portugal”), Teófilo dá a saber que as causas de o Romantismo ter chegado a Portugal tardiamente foram o vício da imitação e a ausência de tradições nacionais, os quais haveriam, por força, de causar que “o Romantismo só” pudesse “aparecer n’este paiz, quando elle estivesse auctorizado

[no resto da Europa], e se admittisse como imitação [em Portugal]” (p. 16).

Também por palavras dele mesmo:

Correndo todas as phases da litteratura portuguesa, vê-se que ella nunca tirou os elementos de criação d’esse fundo vital, fecundo e sempre colectivo das tradições nacionaes. Em vez de apresentar a originalidade que resulta da elaboração artistica das proprias tradições, só teve em mira imitar as grandes correntes litterarias dos outros povos da Europa. A palavra imitação resume a syntese historica da litteratura portugueza; do seculo XII a XIV imitámos o lyrismo provençal; no seculo XV imitámos o lyrismo castelhano; no seculo XVI o lyrismo italiano; no seculo XVII as aberrações castelhanas e italianas de Gongora e Marinistas; no seculo XVIII imitámos o regimen poetico de Boileau. Quando no seculo XIX viesse a prevalecer na Europa a nova comprehensão das litteraturas sob o seu aspecto nacional, em Portugal haviamos tambem imitar o Romantismo. (pp. 85-86)

Logo de seguida, Teófilo desanca o romantismo português de uma vez por todos, ao declarar sem temor, e, pois, sem rebuços: “Em Portugal, nunca os escriptores receberam inspiração das tradições nacionaes, por um motivo muito facil de explicar: porque não tivemos nacionalidade” (p. 86). Sendo que termina a

secção de que ora falo (a primeira, “Porque chegou o Romantismo tão tarde a Portugal”) afirmando:

Antes da primeira emigração em 1823, o estrangeiro era considerado em Portugal como o hostis do mundo antigo; estávamos incommunicaveis com a Europa, com o terror das ideias liberaes. Os livros francezes, inglezes ou allemães só entravam como contrabando, e existia a censura prévia para toda e qualquer publicação. [...] N’estas condições, Portugal realisava na Europa o ideal do Japão ou da China; ter a ideia de fundar uma litteratura para servir de expressão ao character nacional, seria realizar o impossivel (pp. 89-90).

Teófilo, vimo-lo sobejamente, identifica três grandes causas do aparecimento do Romantismo na Europa de finais do século XVIII, princípios do século XIX: (i) o aparecimento do “genio histórico” no século XIX, *qua* “genio” responsável pelo estudo da Idade Média e, porquanto, da descoberta da unidade-identidade das línguas e literaturas do Mundo Moderno, Românico-Cristão; (ii) a inauguração por Baumgarten da ciência que este designou “Estética,” mas em particular o desenvolvimento que esta conheceu no seio do pensamento filosófico que

se usa designar “Idealismo Absoluto Alemão;” (iii) a Revolução Francesa.

É em resultado disso, que, na segunda das três secções que mencionei (“Como foi compreendido o Romantismo em Portugal”), Teófilo labora no sentido de demonstrar o estado lastimoso, no Portugal do primeiro quartel do século XIX — o estado lastimoso e, pois, ineficiente ou não-causativo, — “da Sciencia Historica” e “das Ideias Philosophicas Sobre Arte.” O qual era estado (lastimoso) que não poderia deixar de emparelhar com “Renascimento de um Espirito Nacional Phantastico.” Isto é, com renascimento de um espírito nacional aparente, que “não existia” (p. 102), meramente decorrente de “um esforço artificial” (p. 101).

Nessa segunda secção (“Como foi compreendido o Romantismo em Portugal”), Teófilo castiga severamente o único homem — di-lo — que então se apercebeu da necessidade de estabelecer por escrito uma teoria estética.

Trata-se de Alexandre Herculano, que o nosso autor acusa de se expressar com a “linguagem incongruente de quem não sabia prosseguir uma ideia e muito menos formulal-a [sic]” (p. 97), de par a par com o acusar de entrar em contradições “que revela[m] uma exatranhesa dos processos philosophicos” (p. 97),

de formular “periodos que se repugnam” (p. 98) e de apresentar “modo de discutir” “de uma ingenuidade primitiva”! (p. 98)

Na terceira e última das três secções que atrás enumerei (“Consequencias contradictorias”), Teófilo volta a enumerar as causas do aparecimento tardio do Romantismo em Portugal, às quais passa a adjudicar responsabilidade pela incapacidade dos escritores portugueses da altura para compreender devidamente o Romantismo. Sendo que as “consequencias contradictorias” que pretende identificar na qualidade de consequências de tal incapacidade são sobretudo as consequências paradoxais de, por exemplo, Herculano e Garrett — *os grandes vultos do romantismo português*, no dizer vultuoso de Portugal — se haverem negado a ser considerados escritores românticos! Veja-se: “Os mesmos escriptores que, primeiro presentiram a necessidade de romper com a tradição archaica, trepidaram no seu intuito, e vociferaram contra o Romantismo” (p. 110).

“Herculano,” afirma Teófilo, “entendia que a palavra Romantismo era usada ‘com o fito de encobrir a falta de genio e de fazer amar a irreligião, a immoralidade e quanto ha de negro e abjecto no coração humano’[,] e por isso acrescenta [Herculano]: ‘nós declará-

mos que o não sômos, nem esperâmos sel-o [sic] nunca"! (p. 111)

Por seu lado, "Garrett mofava do Romantismo"! (p. 115)

Depois de, a seguir, pôr em pauta os ódios mútuos que animavam Herculano, Garrett e Castilho, Teófilo exclama com justeza, do patamar elevado da inteligência dele: "o que se não teria feito se estes tres homens fossem um pouco mais intelligentes para se propôrem um plano, e mais elevados para se não odiarem!" (pp. 116-117)

Não cabe a mim fazer aqui avaliação do chamado "romantismo português," que com maior adequação seria denominado "romantismo em Portugal." Por essa razão, limito-me a dizer, a esse respeito, que foi em vão, que procurei na primeira parte de *História do Romantismo em Portugal* ("Ideia Geral do Romantismo") por constatação inequívoca de o Romantismo ter sido, neste nosso país, fenómeno de carácter meramente temático, tal como ocorreu no caso de Walter Scott. — O qual, volto a dizê-lo, permaneceu poeta neoclássico toda a sua vida, e veio a ser identificado como escritor romântico apenas em resultado de, movido pelo gosto de antiquário pelo Medievo, que se tornou

moda ao tempo dele, ter utilizado temas medievais nos seus romances mais conhecidos.

Por outras palavras, pretendo dizer que foi em vão, que procurei na primeira parte da *História* de Teófilo por constatação inequívoca de o Romantismo ter sido em Portugal fenómeno tão-somente de índole literária, muito ao invés do que ocorreu sobretudo na Inglaterra e na Alemanha, onde se pautou por ser em primeira instância fenómeno psíquico.

### 13. FECHO

Termino este meu escrito expressando pesar por, tanto quanto sei, a *Historia do Romantismo em Portugal* não ter conhecido republicação nos últimos trinta e sete anos, de par a par com avaliar (não obstante não estar de acordo com tudo o que nela é dito) que o seu autor, Joaquim Teófilo Fernandes Braga, merece continuar a ser considerado expoente máximo da *intelligentsia* dos Açores também por causa do contributo dele para o estudo da literatura de e em Portugal. — E, pois, não apenas por causa da ação política que marcou a vida dele.





## Notas e Referências

1 Theophilo Braga. *Historia do Romantismo em Portugal*. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1880.

No decurso deste escrito, irei referenciar as páginas desta obra intratextualmente. De par a par, irei manter, nas citações que dela fizer, a ortografia e a morfologia que apresenta.

2 A este respeito, veja-se: Raymond Immerwahr. "'Romantic' and its Cognates in England, Germany, and France before 1790." In: Hans Eicner, ed. *"Romantic" and its Cognates: The European History of a Word*. Toronto, Toronto University Press, 1972, pp. 17-97.

3 Utilizo o termo alemão *Kultur* não por motivação de *snoberie* desnecessária, mas porque a língua portuguesa carece de lexema que dê a saber pretender-se utilizar o termo "cultura" estritamente com o significado de "manifestação" ou "efeito direto" de *paideia*, *cultura hominis* ("cultura do Homem") ou *Bildung*, muito ao invés, por conseguinte, de estritamente com este último significado (precisamente, o significado *paideia*, *cultura hominis*, *Bildung*) ou com o significado que "cultura" ora tende a expressar exclusivamente: o significado, de índole antropológico-sociológica, "modo de vida."

4 Heinrich Heine. *Die romantische Schule (A Escola Romântica)*. In: —. *Werke (Obras)*. Ed. Helmut Schanze, Frankfurt am Main, Insel Verlag, 1968, vol. 4 (*Schriften über Deutschland*), p. 170.

(Esta e todas as restantes traduções para português que este escrito apresenta são minhas.

*(Nicht durch die Trennung in zwei Reiche ging Rom zugrunde; am Bosphorus wie an der Tiber ward Rom verzehrt von demselben jüdischen Spiritualismus, und hier wie dort ward die römische Geschichte ein langsames Dahinsterben, eine Agonie, die Jahrhunderte dauer-*

te. [...] *Wahrlich, Rom, der Herkules unter den Völkern, wurde durch das judäische Gift so wirksam verzehrt, daß Helm und Harnisch seinen welkenden Gliedern entsanken und seine imperatorische Schlachtstimme herabsiechte zu betendem Pfaffengewimmer und Kastratengetriller.*)

5 Testemunho do modo como August Schlegel formulou tal antinomia, a antinomia “classicismo / romantismo,” são, por exemplo, as afirmações que passo a transcrever.

(i) “... a poesia dos Antigos era poesia de posse; a nossa é poesia de anseio; a primeira das duas, a dos Antigos, ergue-se, firme, sobre o solo do presente, a outra, a nossa, paira entre o passado, na forma de lembrança, e o futuro, na forma de pressentimento.” — August Wilhelm Schlegel. *Vorlesungen über dramatische Kunst und Literatur* (Conferências acerca da Arte Dramática e da Literatura). Erster Teil. In: —. *Kritische Schriften und Briefe* (Estudos Críticos e Cartas). Ed. Edgar Lohner, Stuttgart, W. Kohlhammer, 1968, vol. 5, p. 25.)

*... die Poesie der Alten war die des Besitzes, die unsrige ist die der Sehnsucht; jene steht fest auf dem Boden der Gegenwart, diese wiegt sich zwischen Erinnerung und Ahnung.*

(ii) “Na arte e poesia gregas, depara-se com unidade original e inconsciente de forma e matéria; na arte e na poesia Modernas, depara-se, na medida em que ambas permanecem fiéis ao espírito que lhes é próprio, com busca de interpenetração íntima de uma e de outra, forma e matéria, sob o aspeto de oposição mútua. A arte e a poesia gregas desempenharam o seu propósito com total perfeição; à arte e à poesia Modernas, porém, resta apenas realizar as suas aspirações, de alcançar a infinitude, na forma de aproximação, e corre, pois, o risco de quanto nela se mostra indício de imperfeição levar a que não seja devidamente apreciada.” (*Idem, ibidem*, p. 26.)

*In der griechischen Kunst und Poesie ist ursprüngliche bewußtlose Einheit der Form und des Stoffes; in der neueren, sofern sie ihrem eigentümlichen Geiste treu blieben, wird innigere Durchdringung beider als zweier Entgegengesetzten gesucht. Jene hat ihre Aufgabe bis zur Vollendung gelöst; diese kann ihrem Streben ins Unendliche hin nur durch Annäherung Genüge leisten, und ist wegen eines gewissen Scheins von Unvollendung um so eher in Gefahr, verkannt zu werden.*

Em resultado destas considerações, August Schlegel caracteriza do seguinte modo a discórdia que a arte romântica naturalmente expressa (discórdia entre idealidade e realidade, espírito e corporalidade, forma e matéria): “[Na arte romântica,] as impressões dos sentidos devem ser consagradas... através das suas relações misteriosas com sentimentos de índole mais elevada; pelo contrário, o espírito esforça-se por fazer que as suas premonições ou intuições inomináveis do mundo infinito baixem à condição de intuição do mundo fenomenal-real, para, por essa via, adquirirem configuração de caráter sensível.” (*Idem, ibidem.*)

*Die sinnlichen Eindrücke sollen durch ihr geheimnisvolles Bündnis mit höheren Gefühlen... geheiligt werden, der Geist hingegen will seine Ahnungen oder unnennbaren Anschauungen vom Unendlichen in der sinnlichen Erscheinung sinnbildlich niederlegen.*

6 Lascelles Abercrombie. *Romanticism*. London, Martin Secker, 1927, pp. 31-33.

*(...if romanticism is not a certain style in poetry, what is it? It will suffice to call it, at present, a certain attitude of mind: an attitude to life and things.... What is the peculiarity of the romantic posture, whenever and however it may occur?*

*Nothing has done more to obscure this question than the common assumption that there is an antithesis between romanticism and classicism. The antithesis is wholly improper, because classicism is of a quite different*

*order of things from romanticism. [...] [R]omanticism is an element of art, contributing to the whole characteristic state of things, which can hardly be found altogether separate from other states, but which may nevertheless be found predominating. Then what is classicism? Not an element at all, but a mode of combining the elements. [...]*

*Well, classicism is the health of art: the just proportion of the... [elements] in it. If you look for an element of classicism to put against the element of romanticism, you will soon become lost in a quite hopeless search, misled by a false antithesis. There is no element of classicism: but there are elements which can join together in a concord of equilibrium, and such a concord, such a health, is classicism. I do not know how many of these elements there may be nor if it be possible to make out their number; but one of them is romanticism, and there is another which is immediately suggested by romanticism — suggested by it simply because one thing naturally suggests its opposite. For there is an element directly opposed to romanticism: it is realism. The true antithesis, then, is between romanticism and realism.)*

7 Johann Peter Eckerman. *Gespräche mit Goethe in den Letzten Jahren seines Lebens: 1823–1832* (*Conversações com Goethe nos Últimos Anos da Vida dele: 1823–1832*). Ed. Jan Tschichold, Basel, Schweiz, Birkhäuser, 1945, vol. 1, p. 310.

*(Das Klassische nenne ich das Gesundes un das Romantische das Kranke.)*

8 Heinrich Heine. *Die Romantische Schule* (*A Escola Romântica*)., p. 174.

*(Was war aber die romantische Schule in Deutschland?)*

*Sie war nichts anders als die Wiedererweckung der Poesie des Mittelalters, wie sie sich in dessen Liedern, Bild- und Bauwerken, in Kunst und Leben manifestiert hatte. Diese Poesie aber war aus dem Christentume hervorgegangen....*

*Die klassische Kunst hatte nur das Endliche darzustellen, und ihre Gestalten konnten identisch sein mit der Idee des Künstlers. Die romantische Kunst hatte das Unendliche und lauter spiritualistische Beziehungen darzustellen oder vielmehr anzudeuten, und sie nahm ihre Zuflucht zu einem System traditioneller Symbole. Daher das Mystische, Rätselhafte, Wunderbare und Überschwengliche in den Kunstwerken des Mittelalters; die Phantasie macht ihre entsetzlichsten Anstrengungen, das Reingeistige durch sinnliche Bilder darzustellen, und sie erfindet die kolossalsten Tollheiten, sie stülpt den Pelion auf den Ossa, den Parzival auf den Titrel, um den Himmel zu erreichen.)*

9 A alegoria a que me refiro (*face da Modernidade*), disseminou-a Matei Calinescu, no seu estudo *Five Faces of Modernity: Modernism. Avant-Garde, Decadence, Kitsch, Postmodernism* (Durham, Duke University Press, 1987).

O propósito de que falo no passo que remete para a presente nota traduz-se na circunstância de eu utilizar não só ali, mas também mais adiante (*vide supra*, pp. 49–50, 56, 82), essa mesma alegoria com relação (i) à *face avançada* do idealismo subjetivo (de Kant) e (ii) à *face retrógrada* do idealismo ético (de Fichte) e do idealismo absoluto (de Schelling e Hegel). Bem como, antes de com relação a isso mesmo, com referência (i) à *face* historicamente *avançada* do Mundo Moderno, Romântico-Cristão, no seu original desapego histórico-cultural do paganismo e do imperialismo romanos, e (ii) à *face retrógrada* do *reacionarismo* filosófico e literário que a Revolução Científica, em particular, fez surgir no decurso da Modernidade. Falo, para o dizer de outro modo, da *face retrógrada* dos diversos esforços para, no decurso da própria Modernidade, recuperar e revalidar, Teófilo *dicit*, o “racionalismo do sobrenatural” (p. 39) e o dogmatismo teológico-filosófico da doutrina e do esquema de salvação católico-cristãos: “estes vícios da unidade romana abraçados pelo catholicismo” (p. 44).

10 Herder, afirma-o, Isaiah Berlin, “is certainly one of the fathers of the romantic movement.” (Isaiah Berlin. *The Roots of Romanticism*. Ed. Henry Hardy, London, Chatto & Windus, 1999, p. 67.)

11 Por exemplo, este passo de *De l’Allemagne*: “La littérature des Anciens est chez les modernes une littérature transplantée: la littérature romantique ou chevaleresque est chez nous indigène, et c’est notre religion et nos institutions qui l’ont fait éclore. Les écrivains imitateurs des Anciens se sont soumis aux règles du goût les plus sévères; car ne pouvant consulter ni leur propre nature, ni leurs propres souvenirs, il a fallu qu’ils se conformassent aux lois d’après lesquelles les chefs-d’œuvres des Anciens peuvent être adaptés à notre goût, bien que toutes les circonstances politiques et religieuses qui ont donné le jour à ces chefs-d’œuvres soient changées. Mais ces poésies d’après l’antique, quelque parfaites qu’elles soient, sont rarement populaires, parce qu’elles ne tiennent, dans le temps actuel, à rien de national.” (Germaine de Staël. *De l’Allemagne*. Paris, Garnier-Flamarion, 1968, vol. 1, p. 213.)

12 Como Isaiah Berlin dá a saber, “the pietist movement... really is the root of romanticism”. O que não é de estranhar, já que “the mood in which the German pietists operated” se pautou em primeiro lugar por “an intense inner life, a great deal of very moving... highly personal and violently emotional literature, [and] hatred of the intellect”. (Isaiah Berlin. *Op. cit.*, pp. 36, 37.)

13 Com relação à concepção pietista de *shöne Seele*, veja-se, por exemplo: Robert E. Norton. *The Beautiful Soul: Aesthetic Morality in the Eighteenth Century*. Ithaca, Cornell University Press, 1995.

14 A este respeito, veja-se, por exemplo, o segundo capítulo (“Poesia Nacional–Popular: A Teoria de Johann Gottfried von Herder e do Romantismo Alemão em Geral”) do meu “*Reliques of Ancient English Poetry*,” de Thomas Percy, e “*Romanceiro*,” de Almeida Garrett: Dois

*Modos Diferentes de Entender e Avaliar Poesia Popular* (Ponta Delgada, Autor, 2023, pp. 89–111).

15 Como comprovação dessa minha afirmação, considerem-se as seguintes palavras de Wordsworth (transcritas do primeiro grande manifesto romântico, o “Prefácio” a *Lyrical Ballads* — de 1798):

“Aristotle, I have been told, hath said, that Poetry is the most philosophic of all writing: it is so: its object is truth, not individual and local, but general, and operative; not standing upon external testimony, but carried alive into the heart by passion; truth which is its own testimony, which gives strength and divinity to the tribunal to which it appeals, and receives them from the same tribunal. Poetry is the image of man and nature. The obstacles which stand in the way of the fidelity of the Biographer and Historian, and of their consequent utility, are incalculably greater than those which are to be encountered by the Poet, who has an adequate notion of the dignity of his art. The Poet writes under one restriction only, namely, that of the necessity of giving immediate pleasure to a human Being possessed of that information which may be expected from him, not as a lawyer, a physician, a mariner, an astronomer or a natural philosopher, but as a Man. Except this one restriction, there is no object standing between the Poet and the image of things; between this, and the Biographer and Historian there are a thousand.” (William Wordsworth e S. T. Coleridge. *Lyrical Ballads*. Ed. Michael Mason, London, Longman, 1991, p. 73.)

16 [D]ie Wissenschaft von allem, was sinnlich ist. A. G. Baumgarten. *Kollegium über die Ästhetik* (§ 1). Traduzido para alemão, da versão manuscrita (em latim), por Bernhard Popp, na sua dissertação de Doutorado (pp. 65–77) *Alexander Gottlieb Baumgarten: Seine Bedeutung und Stellung in der Leibniz–Wolffischen Philo-*

*sophie und seine Beziehungen zu Kant* (Borna, Leipzig, Robert Noske, 1907).

17 Como o próprio Baumgarten afirmou:

“Do mesmo modo que a partir de λογικος, [termo que remete para] quanto seja distinto, se há formado [o termo] λογικη, que designa a ciência do distinto, nós formamos agora, a partir de αισθητος, [o termo] αισθητικη, [que designa] a ciência de tudo o que seja sensível.” (*Idem, ibidem.* pp. 65–66.)

(*So wie man nun von λογικος, von dem, was deutlich ist, λογικη gemacht, das die Wissenschaft des Deutlichen anzeigt, so machen wir nun von αισθητος αισθητικη, die Wissenschaft von allem, was sinnlich ist.*)

18 Meramente a título de exemplo de expressão do pavor existencial insuportável a que me refiro, considerem-se as seguinte palavras, que Fichte escreveu ao formular a sua reação às consequências *terríveis* da *Crítica da Razão Pura*:

“Eu. ‘Em parte alguma há algo que perdue, nem fora de mim nem em mim, subsistindo apenas mutação interminável. Em parte alguma conheço ser, nem sequer o meu próprio ser. Não há ser. Eu mesmo careço de todo de conhecimento e não existo. Existem imagens: as quais são tudo quanto existe e têm conhecimento de si mesmas na forma de imagens — imagens que transitam, sem que haja algo por que transitem; imagens que se suspendem através de imagens; imagens que nada representam, esvaziadas de sentido e de finalidade. Eu mesmo sou uma dessas imagens. Não, nem tampouco isso sou, mas apenas uma imagem distorcida de tais imagens. Toda a realidade se verte num sonho fabuloso, sem que haja vida acerca de que o sonho seja sonho, e sem que haja espírito que sonhe o sonho; um sonho que se se suspende num sonho dele mesmo. A *intuição* é o sonho; o pensamento (a fonte de todo o ser e de toda a realidade que imagino [*mir einbilde*], do meu ser, do meu poder, dos meus intentos), o pensamento é o

sonho desse sonho.” (Johann Gottlieb Fichte. *Die Bestimmung des Menschen (A Vocação do Homem)*. Berlin, Holzinger, 2014, p. 56.)

(“Ich. ‘Es giebt überall kein Dauerndes, weder ausser mir, noch in mir, sondern nur einen unaufhörlichen Wechsel. Ich weiss überall von keinen Seyn, und auch nicht von meinem eigenen. Es ist kein Seyn, — *Ich selbst* weiss überhaupt nicht, und bin nicht. *Bilder* sind: sie sind das Einzige, was da ist, und sie wissen von sich, nach Weise der Bilder: — Bilder, die vorüberschweben, ohne dass etwas sey, dem sie vorüberschweben: die durch Bilder von den Bildern zusammenhängen, Bilder, ohne etwas in ihnen Abgebildetes, ohne Bedeutung und Zweck. Ich selbst bin eins dieser Bilder; ja, ich bin selbst dies nicht, sondern nur ein verworrenes Bild von den Bildern. — Alle Realität verwandelt sich in einen wunderbaren Traum, ohne ein Leben, von welchem geträumt wird, und ohne einen Geist, dem da träumt: in einen Traum, der in einem Traume von sich selbst zusammenhängt. Das *Anschau*en ist der Traum: das *Denken*, — die Quelle alles Seyns und aller Realität, die ich mir einbilde, meines Seyns, meiner Kraft, meiner Zwecke, — ist der Traum von jenem Traume.”)

19 Percy Bisshe Shelley. “Hymn to Intellectual Beauty,” vv. 1–3. In: —. *Poetical Works*. Ed. Thomas Hutchinson, Oxford, Oxford University Press, 1970, p. 529.

20 Como deverá ser evidente, esta referência a Mefistófeles constitui-se alusão a “Prolog im Himmel” (“Prólogo no Céu”), que antecede a primeira parte do *Faust* de Goethe. —

Ali, o “Senhor” da tradição católico-cristã surge na qualidade panteísta de *Herr* que dirige ao próprio Mefistófeles estas palavras: “Vez alguma senti ódio a teus semelhantes. | De entre todos os espíritos que se dão de negar, | o Brincalhão é o que menos me pesa.” (*Ich habe deinesgleichen nie gehaßt. | Von allen Geistern, die verneinen, | ist mir der Schalk am wenigsten zur Last.*) —

As quais são palavras que o destinatário (Mefistófeles) corrobora, ao asseverar-se: “De tempos a tempos, dou-me de ver o Velho com agrado, | E guardo-me de romper com ele. | É muito gentil, por parte de Senhor tão grande, | Falar com o Diabo próprio tão de modo humano. ( *Von Zeit zu Zeit seh ich den Alten gern, | Und hüte mich, mit ihm zu brechen. | Es ist gar hübsch von einem großen Herrn, | So menschlich mit dem Teufel selbst zu sprechen.*)

Johann Wolfgang von Goethe. *Faust. Eine Tragödie* (“Prolog im Himmel,” vv. 337–339, 350–353). Ed. Albrecht Scnöne, Frankfurt am Main. Insel Verlag, 2003, vol. 1 (*Texte*), p. 28.

21. Esta pergunta retórica (“A que salvíficas premonições românticas me refiro?”) poderia, eu, bem formulá-la assim: “A que salvíficas premonições filosóficas me refiro?”— Uma vez que se trata de premonições que jamais teriam conhecido a luz do pensamento não houvessem sido determinadas pelo “terrorismo” (Heine *dicit*) do criticismo de Kant. A qual não é, afinal, circunstância de causar espanto, já que, na verdade, o romantismo filosófico (e, pois, em certa medida, o fundamento teórico do romantismo estético-literário) dificilmente poderia ter sido formulado por determinação diferente da que conheceu em primeira instância. Ou seja, por determinação diferente da do próprio “terrorismo” do criticismo de Kant.

Em vista de quanto venho de anotar, não é de estranhar, sem dúvida, que Kant seja “justly considered as one of the fathers of romanticism”. (Isaiah Berlin. *Op. cit.*, p. 68.)

22 Heinrich Heine. *Die Romantische Schule* (*A Escola Romântica*), p. 185.

*(In der Periode, wo dieser Kampf vorbereitet wurde, mußte eine Schule, die dem französischen Wesen feindlich gesinnt war und alles deutsch Volkstümliche in Kunst und Leben hervorrühmte, ihr treffliches Gedeihen*

finden. Die romantische Schule ging damals Hand in Hand mit dem Streben der Regierungen und der geheimen Gesellschaften, und Herr A. W. Schlegel konspirierte gegen Racine zu demselben Ziel, wie der Minister Stein gegen Napoleon konspirierte. Die Schule schwamm mit dem Strom der Zeit, nämlich mit dem Strom, der nach seiner Quelle zurückströmte. Als endlich der deutsche Patriotismus und die deutsche Nationalität vollständig siegte, triumphierte auch definitiv die volkstümlich-germanisch-christlich-romantische Schule, die 'neudeutsch-religiös-patriotische Kunst.' Napoleon, der große Klassiker, der so klassisch wie Alexander und Cäsar, stürzte zu Boden, und die Herren August Wilhelm und Friedrich Schlegel, die kleinen Romantiker, die ebenso romantisch wie das Däumchen und der gestiefelte Kater, erhoben sich als Sieger.)

23 Heinrich Heine. *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland (Para a História da Religião e da Filosofia na Alemanha)*. In: —. *Werke (Obras)*. Ed. Helmut Schanze, Frankfurt am Main, Insel Verlag, 1968, vol. 4 (*Schriften über Deutschland*), p. 137.

(Bei einer Vergleichen der französischen Revolution mit der deutschen Philosophie habe ich einst, mehr aus Scherz als im Ernste, den Fichte mit Napoleon verglichen. Aber, in der Tat, es bieten sich hier bedeutsame Ähnlichkeiten. Nachdem die Kantianer ihr terroristisches Zerstörungswerk vollbracht, erscheint Fichte, wie Napoleon erschienen, nachdem die Konvention ebenfalls mit einer reinen Vernunftkritik die ganze Vergangenheit niedergerissen hatte. Napoleon und Fichte repräsentieren das große, unerbittliche Ich, bei welchem Gedanke und Tat eins sind, und die kolossalen Gebäude, welche beide zu konstruieren wissen, zeugen von einem kolossalen Willen. Aber durch die Schrankenlosigkeit dieses Willens gehen jene Gebäude gleich wieder zugrunde, und die Wissenschaftslehre wie das Kaiserreich zerfallen und verschwinden ebenso schnell, wie sie entstanden.)

24 Walter Pater. "Prosper Mérimé." In: —. *Miscellaneous Studies: A Series of Essays*. London, Macmillan and Co., 1913, p. 11.

*(For one born in eighteen hundred and three much was recently become incredible that had at least warmed the imagination even of the sceptical eighteenth century. Napoleon, sealing the tomb of the Revolution, had foreclosed many a problem, extinguished many a hope, in the sphere of practice. And the mental parallel was drawn by Heine. In the mental world too a great outlook had lately been cut off. After Kant's criticism of the mind, its pretensions to pass beyond the limits of individual experience seemed as dead as those of old French royalty. And Kant did but furnish its innermost theoretic force to a more general criticism, which had withdrawn from every department of action, underlying principles once thought eternal. A time of disillusion followed. The typical personality of the day was Obermann, the very genius of ennui, a Frenchman disabused even of patriotism, who has hardly strength enough to die. More energetic souls, however, would recover themselves, and find some way of making the best of a changed world. Art: the passions, above all, the ecstasy and sorrow of love: a purely empirical knowledge of nature and man: these still remained, at least for pastime, in a world of which it was no longer proposed to calculate the remoter issues:—art, passion, science, however, in a somewhat novel attitude towards the practical interests of life. The désillusionné, who had found in Kant's negations the last word concerning an unseen world, and is living, on the morrow of the Revolution, under a monarchy made out of hand, might seem cut off from certain ancient natural hopes, and will demand, from what is to interest him at all, something in the way of artificial stimulus. He has lost that sense of large proportion in things, that all-embracing prospect of life as a whole (from end to end of time and space, it had seemed), the utmost expanse of which was afforded*

from a cathedral tower of the Middle Age.... Deprived of that exhilarating yet pacific outlook, imprisoned now in the narrow cell of its own subjective experience, the action of a powerful nature will be intense, but exclusive and peculiar. It will come to art, or science, to the experience of life itself, not as to portions of human nature's daily food, but as to something that must be, by the circumstances of the case, exceptional; almost as men turn in despair to gambling or narcotics, and in a little while the narcotic, the game of chance or skill, is valued for its own sake. The vocation of the artist, of the student of life or books, will be realised with something—say! of fanaticism, as an end in itself, unrelated, unassociated. [...] The development of these conditions is the mental story of the nineteenth century, especially as exemplified in France.)

25 William Shakespeare. *The Tempest*, V, i, vv. 182–185. In: —. *The Riverside Shakespeare*. Ed. G. Blakemore Evans, Boston, Houghton Mifflin, 1974, p. 1634.

("O wonder! | How many goodly creatures are there here! | How beauteous mankind is! O brave new world | That has such people in't!")

26 A este respeito, considerem-se as seguinte afirmações do "Prefácio" a *Lyrical Ballads*, da autoria do poeta romântico inglês William Wordsworth: "There will... be found in these volumes little of what is usually called poetic diction; I have taken as much pains to avoid it as others ordinarily take to produce it; this I have done... to bring my language near to the language of men..." "Low and rustic life was generally chosen, because in that condition, the essential passions of the heart... speak a plainer and more emphatic language..." "The language... of these men is adopted... because such men hourly communicate with the best objects from which the best part of language is originally derived; and because, from their rank in society and the sameness and narrow circle of their intercourse, being less under the influence of social vanity, they convey

their feelings and notions in simple and unelaborated expressions. Accordingly, such a language, arising out of repeated experience and regular feelings, is a more permanent, and a far more philosophical language, than that which is frequently substituted for it by Poets, who think that they are conferring honour upon themselves and their art, in proportion as they separate themselves from the sympathies of men, and indulge in arbitrary and capricious habits of expression, in order to furnish food for fickle tastes, and fickle appetites, of their own creation." (William Wordsworth e S. T. Coleridge. *Lyrical Ballads. Loc. cit.*, pp. 66, 60–61.)

27 Com respeito à utilização pelos teorizadores neoclássicos do conceito "imitação," veja-se, por exemplo, o meu artigo "Da *Divisio* do Conceito 'Arte Verbal' e da Literatura como Ficção e Imitação" (Eduardo Moreira da Silva, Maria do Céu Fraga e Paulo Meneses, eds. *Diálogos do Literário*. Ponta Delgada, Centro de Estudos Humanísticos da Uac-Letras Lavadas, 2021, pp. 71–142.

28 C. P. Kavafy. "À Espera dos Bárbaros," vv. 34–35. *In: —. Collected Poems*. Trad. Edmund Keeley e Philip Sherrard, London, Chatto & Windus, 1979, p. 15.



## Bibliografia

- ABERCROMBIE, Lascelles. *Romanticism*. London, Martin Secker, 1927.
- AYRAULT, Roger. *La Genèse du Romantisme Allemande (1797-1804)*. Paris, Aubier, 1970, 2 vols.
- BAUMGARTEN, A. G. *Esthétique*. Trad. Jean-Yves Pranchère, Paris, L'Herne, 1988.
- BERLIN, Isaiah. *The Roots of Romanticism*. Ed. Henry Hardy, London, Chatto & Windus, 1999.
- BRAGA, Theophilo. *Historia do Romantismo em Portugal*. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1880.
- CALINESCU, Matei. *Five Faces of Modernity: Modernism, Avant-Garde, Decadence, Kitsch, Postmodernism*. Durham, Duke University Press, 1987.
- ECKERMAN, Johann Peter. *Gespräche mit Goethe in den Letzten Jahren seines Lebens: 1823-1832 (Conversações com Goethe nos Últimos Anos da Vida Dele: 1823-1832)*. Ed. Jan Tschichold, Basel, Schweiz, Birkhäuser, 1945, 2 vols.
- EWTON, Jr., Ralph. THE LITERARY THEORIES OF AUGUST WILHELM SCHLEGEL. Houston Texas, Rice University, 1966 (dissertação de doutoramento)..
- FICHTE, Johann Gottlieb. *Die Bestimmung des Menschen (A Vocação do Homem)*. Berlin, Holzinger, 2014.
- FURST, Lilian R. *Romanticism*. London, Routledge, 2018.
- HALSTEAD, John B., ed. *Romanticism. Problems of Definition, Explanation, and Evaluation*. Boston, D. C. Heath and Company, 1965.
- HEINE, Heinrich. *Die romantische Schule (A Escola Romântica)*. In: —. *Werke (Obras)*. Ed. Helmut

- Schanze, Frankfurt am Main, Insel Verlag, 1968, vol. 4. (*Schriften über Deutschland*).
- HEINE, Heinrich. *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland (Para a História da Religião e da Filosofia na Alemanha)*. In: —. *Werke (Obras)*. Ed. Helmut Schanze, Frankfurt am Main, Insel Verlag, 1968, vol. 4 (*Schriften über Deutschland*).
- IMMERWAHR, Raymond. "'Romantic' and its Cognates in England, Germany, and France before 1790." In: Hans Eicner, ed. *"Romantic" and its Cognates: The European History of a Word*. Toronto, Toronto University Press, 1972.
- KAVAFY, C. P. *Collected Poems*. Trad. Edmund Keeley e Philip Sherrard, London, Chatto & Windus, 1979.
- NORTON, Robert E. *The Beautiful Soul: Aesthetic Morality in the Eighteenth Century*. Ithaca, Cornell University Press, 1995.
- POPP, Bernhard. *Alexander Gottlieb Baumgarten: Seine Bedeutung und Stellung in der Leibniz-Wolffischen Philosophie und seine Beziehungen zu Kant*. Borna, Leipzig, Robert Noske, 1907.
- PATER, Walter. "Prosper Mérimé." In: —. *Miscellaneous Studies: A Series of Essays*. London, Macmillan and Co., 1913.
- SCHLEGEL, August Wilhelm. *Vorlesungen über dramatische Kunst und Literatur*. Erster Teil. In: —. *Kritische Schriften und Briefe*. Ed. Edgar Lohner, Stuttgart, W. Kohlhammer, 1968, vol. 5.
- SCHLEGEL, Friedrich. *Philosophical Fragments*. Trad. Peter Firchow, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1991.

- SHAKESPEARE, William. *The Tempest*. In: —. *The Riverside Shakespeare*. Ed. G. Blakemore Evans, Boston, Houghton Mifflin, 1974, pp. 1611–1636.
- SHELLEY, Percy Bisshe. *Poetical Works*. Ed. Thomas Hutchinson, Oxford, Oxford University Press, 1970.
- SILVA, E. J. Moreira da. “*Reliques of Ancient English Poetry*,” de Thomas Percy, e “*Romanceiro*,” de Almeida Garrett: *Dois Modos Diferentes de Entender e Avaliar Poesia Popular*. Ponta Delgada, Autor, 2023.
- SILVA, E. J. Moreira da. “Da Divisio do Conceito ‘Arte Verbal’ e da Literatura como Ficção e Imitação.” In: Eduardo Moreira da Silva, Maria do Céu Fraga e Paulo Meneses, eds. *Diálogos do Literário*. Ponta Delgada, Centro de Estudos Humanísticos da UAC-Letras Lavadas, 2021, pp. 71–142.
- STÄEL, Germaine de. *De l’Allemagne*. Paris, Garnier-Flamarion, 1968, 2 vols.
- WORDSWORTH, William e COLERIDGE, S. T. *Lyrical Ballads*. Ed. Michael Mason, London, Longman, 1991.





# Índice Remissivo

- Abercrombie, Lascelles: 18, 20  
Agostinismo: 50  
Alighieri, Dante: 79  
    *Divina Comédia*: 44, 79  
Antigo, Mundo: 15, 27, 49, 87  
Antiguidade: 28, 38, 39, 46, 47, 60, 69, 70, 77, 79, 83  
Árabe, Mundo: 50, 75, 77, 79  
Arianismo: 15, 26, 47, 78  
Aristóteles: 75, 77  
Aristotelismo: 50  
Augusto, Octaviano: 72  
Barbarismo Nórdico (*ver também* Germanidade): 47, 70, 77-80  
Baumgarten, Alexander Gottlieb: 48, 49, 87  
Boileau, Nicolas: 86  
Braga, Teófilo: 9, 12, 14, 15, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91  
    *História do Romantismo em Portugal*: 9, 10, 11, 29, 39, 43, 85, 90, 91  
    "Ídeia Geral do Romantismo:" 10-11, 12, 25, 28, 32, 39, 45, 65, 82, 85, 90  
    "Preliminar:" 11, 28-32  
Bruno, Giordano: 34  
Byron, George Gordon: 30, 33, 36  
Byronismo: 30, 84  
Castilho, António Feliciano de: 11, 90  
Catolicismo: 15, 25, 27, 31, 34, 35, 36, 37, 44, 49, 55, 60, 61, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80  
Cervantes, Miguel de: 13  
    *Dom Quijote*: 13, 44  
Chateaubriand, François-René de: 31  
    *Génie du christianisme*: 31  
Classicismo: 17, 18, 19, 20, 24, 27, 42, 44, 46, 48, 56, 57, 67, 68, 70  
Comte, Auguste: 39  
Comtismo: 39-40  
Coleridge, S. T.: 32, 53  
Cristo: 73, 77, 78, 79  
Cristianismo: 10, 14, 16, 17, 20, 24, 25, 26, 29, 36, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 57, 59, 61, 66, 67, 70, 72-79, 81  
    ariano: 15  
    católico: 15  
    helénico: 72  
    judaico: 78  
    medieval: 82  
    semita: 26  
Dialeto: 26, 29  
Epopéia nórdica: 16

- Edda*: 16  
*Nibelungenlied*: 16  
*Parzival*: 16  
 Eschenbach, Wolfram von: 16  
 Espinosa, Baruch: 34  
 Estética: 10, 12, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 32, 48, 49, 50, 51, 59, 67, 68, 69, 84, 85, 87, 88  
 Estoicismo: 72-73  
 Fichte, Johann Gottlieb: 34, 49, 51, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 77  
 Garrett, Almeida: 11, 32, 39-40, 89, 90  
 Germanidade (*ver também* Barbarismo): 15, 16, 20, 25, 26, 27, 29, 32, 36, 37, 40, 45, 47, 49, 57, 70, 72, 78, 80, 81, 82  
 Gesta, canção de: 13  
 Goethe, Johann Wolfgang von: 20, 44, 45, 83  
     *Faust, eine Tragödie*: 44  
 Gongora, Luis de: 86  
 Hebraísmo: 16, 33, 34, 47, 61, 72  
 Hegel, Georg Wilhelm: 48, 51, 77  
 Heine, Heinrich: 16, 22, 24, 27, 30, 56, 62  
 Helenismo: 15, 27, 36, 46, 47, 72, 77, 79  
 Herculano, Alexandre; 11, 22, 32, 37, 88-90  
 Herder, Johann Gottfried von: 29, 40  
 História  
     antiga: 41  
     moderna: 41  
     ocidental: 13, 46, 64, 80  
     romana: 16  
 Historiografia: 41, 87, 89  
 Homero: 48  
 Horácio, Quintus Flaccus: 48  
 Hugo, Victor: 22  
 Idealismo (*ver também* Realismo): 14, 16, 17, 20, 47, 48, 61, 81  
     absoluto: 23, 49, 77, 78  
     estético: 59  
     ético: 51, 59, 77  
     subjetivo: 50, 51  
 Identidade: 20  
     germânico-romance: 15  
     românico-cristã: 66, 87  
     românico-germânica: 10, 26, 66, 87  
 Imitação: 30, 35, 47-48, 60, 69, 70, 71, 84, 85, 86  
 Jesus: *ver* Cristo  
 Judaísmo: 14, 74, 75  
 Justiniano I: 76  
 Kant, Immanuel: 50, 51, 52, 53, 59, 60, 62, 63, 64, 82  
 Kantismo: 50, 82  
 Kaváfis, Konstantinos: 80  
 Kempis, Tomás de: 48  
*Kultur*: 15, 16, 21, 26, 27, 29, 61, 81  
 Lamartine, Alphonse de: 31  
 Latim: *ver* Latinidade, Língua(s), Literatura.  
 Latinidade-Romanidade: 25, 26, 27, 30, 32, 58-59, 69-72, 73, 77, 78  
 Leopardi, Giacomo: 30  
 Lessing, Gotthold Ephraim: 60, 61  
 Língua(s)  
     indo-europeias, 27

- latina: 71, 74, 83  
 modernas, 87  
 nacionais: 83  
 novo-latinas, 71  
 romances, 71, 83  
 vulgares, 71  
 Lirismo: 86  
 Literatura  
 antiga: 15, 27, 38, 39, 47, 83, 85  
 clássica: 83, 85  
 cristã: 16  
 europeia: 12, 25, 29, 39, 82, 86  
 germânico-escandinava: 15  
 latina: 71  
 medieval: 23, 66  
 moderna: 15, 27, 30, 38, 41, 48, 69, 71, 81, 82, 83, 87  
 nórdica: 15  
 portuguesa: 86  
 românico-germânica: 16, 29  
 romântica: 69  
 Maomé: 76  
 Maometanismo: 75, 76  
 Marinismo: 86  
 Medievalidade: 14, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 39, 44, 50, 52, 53, 55, 58, 59, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 82, 83, 87, 90  
 Medievalismo: 22, 27, 39, 66, 67, 68, 70  
 Modernidade: 20, 25, 49, 50, 56, 60, 61, 82  
 Modernismo: 64  
 Moderno, Mundo: 10, 15, 20, 23, 28, 48, 49, 61, 66, 71, 72, 74, 76, 77, 79, 81, 83, 87  
 Nacionalidade: 26, 27, 29, 41, 43, 45, 57, 66, 71, 72, 81, 83, 85-86, 88  
 Nacionalismo: 27, 39, 40, 42, 47, 65, 66, 67, 68, 70  
 Napoleão Bonaparte: 56, 57, 58, 62, 65, 66  
 Neoclassicismo: 22, 42, 47, 68, 84, 90  
 Neolatinidade: 26, 32, 72, 81  
 Neoplatonismo: 50  
 Newton, Isaac: 34  
 Obermann (Étienne Pivert de Senancour): 62  
 Ockham, William of: 50  
 Paganismo: 46, 47, 48, 60, 70, 74, 77, 78, 79, 82  
 Pater, Walter Horatio: 62, 64  
 Paulo de Tarso: 15  
 Pietismo: 36  
*schöne Seele*, e: 36  
 Platonismo: 50, 52  
 Poesia  
 nacional: 40  
 popular: 40  
 Pós-medievalidade: 59  
 Pós-modernidade: 20, 65  
 Pós-modernismo: 64, 65  
 Positivismo: 42, 43, 79, 84  
 Povo  
*natío*, como: 40, 63  
*vulgus*, como: 35, 40, 68, 75, 83  
 Povos:  
 europeus: 66, 86  
 germânico-escandinavos: 26, 32, 82  
 hebraico: 34  
 modernos: 69

- neolatinos: 32, 71, 81  
 românicos: 27, 59  
 Procópio de Cesareia: 76  
 Puritanismo: 36  
 Racine, Jean Baptiste: 57  
 Realismo (*ver também* Idealismo): 19, 20, 84  
 Renascença: 25, 27, 38, 71  
 Revolução Francesa: 28, 30, 56, 57, 58, 63, 65, 67, 68, 69  
 Romance medieval: 14  
   amoroso-cortês: 14  
   cavalheiresco: 14  
 Romantismo: 10, 11, 12, 15, 18, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 48, 49, 51, 55, 56, 64, 69–70, 60, 54, 69, 70, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90  
   Alemanha, na: 32, 91  
   emanuelino: 31  
   epistemológico: 13–14, 16, 17–20, 23, 24, 61, 81  
   Espanha, em: 35  
   estético-literário: 11, 21, 23, 24, 27, 28, 38, 68, 84, 85  
   fenómeno germânico, como: 32, 37–38  
   fenómeno protestante, como: 32–37  
   filosófico: 23, 49, 50, 53  
   histórico-cultural: 10–11, 14–17, 23, 24, 69, 84, 85  
   Inglaterra, na: 32, 91  
   liberal: 28, 30, 40, 47, 55, 67, 68  
   medievalista: 40, 66, 67, 68, 70  
   nacionalista: 40, 42, 47, 65, 67, 68, 70  
   Portugal, em: 11, 31–32, 35–36, 85–90  
   religioso: 31, 35  
   temático: 22, 90  
   vital: 22, 38  
 “Romantismo” e seus cognatos: 12–32, 38, 39, 81, 82–85, 89  
 Rousseau, Jean-Jacques: 80  
 Santa Aliança: 30, 31  
 Schelling, Friedrich Wilhelm von: 34, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 77  
 Schiller, Friedrich: 83  
 Schlegel, August Wilhelm: 16, 22, 24, 56, 57, 83  
 Schlegel, Friedrich von: 57, 83  
 Scott, Walter: 22, 90  
 Sensualismo: 48, 60  
 Shakespeare, William: 15, 45  
 Shelley, P. B.: 22, 30, 33, 36, 53  
 Staël, Germaine de: 29  
 Teodósio I: 73, 78  
 Vico, Giambattista: 27  
 Virgílio, Maro Publio: 48  
 Winckelmann, Johann Joachim: 60, 61  
 Wordsworth, William: 32, 42, 52















